

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

MIRELA BANSI MACHADO

**“HAY UN FUSILADO QUE VIVE”:
TESTEMUNHO, MEMÓRIA E DENÚNCIA NA NARRATIVA DE RODOLFO
WALSH EM OPERAÇÃO MASSACRE (1957)**

Uberlândia – MG

2016

4315-C



MIRELA BANSI MACHADO

**“HAY UM FUSILADO QUE VIVE”:
TESTEMUNHO, MEMÓRIA E DENÚNCIA NA NARRATIVA DE RODOLFO
WALSH EM OPERAÇÃO MASSACRE (1957)**

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito à obtenção do título de graduação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Paula Spini

Uberlândia - MG

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

MACHADO, Mirela Bansi, 1993 -

“Hay un fuzilado que vive”: Testemunho, memória e denúncia na narrativa de Rodolfo Walsh em Operação Massacre (1957) / Mirela Bansi Machado. – 2016.

80 fls.

Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, Uberlândia, 2016.

Orientação: Profa. Dra. Ana Paula Spini.

1. História e Literatura. 2. Rodolfo Walsh. 3. Argentina. I. Título. II. Universidade Federal de Uberlândia.

MIRELA BANSI MACHADO

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Ana Paula Spini

ORIENTADORA

Profª Drª Daniela Magalhães da Silveira

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Profª Drª Mônica Brincalepe Campo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Uberlândia- MG

2016

*À minha família, que nunca mediu esforços para me ajudar no meu caminho até aqui.
Obrigada por acreditar e investir nos meus sonhos. Estaremos sempre perto.*

Agradecimentos

Passei um ano e meio escrevendo a monografia, tentando conciliar com outras disciplinas, sempre com medo de estar deixando de lado uma coisa em detrimento de outra. Muitas pessoas passaram pelo meu caminho nesse período e muitas me ouviram reclamar das minhas ansiedades. Mas, mais do que isso, me ouviram dizer o quanto eu sou apaixonada pelo meu tema de pesquisa e pelo meu curso. Eu vim de uma escola onde todos os alunos entravam com o intuito de passar no vestibular de medicina, engenharia e direito. Quando eu escolhi entrar para o curso de História, sofri preconceito de pessoas que tinham uma noção de “vencer na vida” diferente da minha. Para mim, essa ideia significa ter senso crítico, não ser influenciado por mídias, pensar no próximo, entender que precisamos lutar pelas minorias, perceber que é preciso conhecer um pouco de política e muito da história do seu país. Estou saindo da graduação de História levando uma bagagem de experiências que serviram para me transformar na pessoa que sou hoje. Só tenho a agradecer meus pais, por não só terem me apoiado na decisão de mudar para Uberlândia e fazer esse curso, mas por terem me incentivado a fazer isso.

Em toda a trajetória da graduação, e principalmente na escrita da monografia, várias pessoas importantes passaram pela minha vida. Todas deixaram marcas e serão lembradas. Esse caminho não foi nada fácil, mas hoje percebo que estou conseguindo realizar meus objetivos, e nada no mundo é mais importante para mim do que isso. Se eu conseguir, tudo terá valido a pena. A todos os que me criticaram eu agradeço, porque não me deixaram escolher a não ser criar uma personalidade sólida.

Dentre as pessoas mais especiais, aquelas que souberam me ouvir, se posicionaram ao meu lado ou me influenciaram de alguma forma, devo alguns agradecimentos importantes.

Minha mãe, que, desde que me entendo por gente, me ouviu reclamar dos mesmos motivos todos os dias, me viu chorar e me fez acreditar que era tudo só uma fase. Lembro quando perdi perdão a você por não aceitar seus conselhos, dizendo que nunca seguia os de ninguém, mas que, se algum dia eu tivesse que seguir, seria os seus. Achei que eu estava sendo sensível e carinhosa, mas você riu por vários dias. Obrigada por sempre me apoiar, mesmo quando não concorda comigo. Obrigada por acalmar meu coração todos os dias em que precisei de alguém para conversar e só você apareceu. As

dores de escrever uma monografia pesaram mais do que todas as outras dores, porque era algo que você sabia que eu queria mais do que tudo. Obrigada por entender isso.

Meu pai, que sempre vem com chantagens emocionais, dizendo que as pessoas sempre vão embora, só quem fica é pai e mãe. Perdoe-me por demorar tanto para perceber que você estava certo. Mas nada disso importa, porque hoje eu sei que não preciso de mais ninguém. Sei também que você trabalha muito e eu sei por que e por quem você faz isso. Você me deu sua pedra da sorte dizendo que ela me ajudaria a enfrentar meus desafios. Realmente, foi tudo muito difícil, mas poderia ter sido ainda mais se eu não tivesse carregando uma parte de você comigo. Muito obrigada.

Meu irmão Murilo, que partiu meu coração quando foi embora de casa. Você me ajudou muito, mesmo indiretamente, quando brigava comigo e era um pouco duro. Foi muito difícil crescer sendo irmã mais nova de uma pessoa que só teve sucessos na vida (a meu ver), ainda mais sendo tão diferente de você. Mas isso me impulsionou a ser mais responsável e hoje eu percebo que levei isso muito a sério. Muito obrigada por ser uma influência tão significativa.

Minha cunhada Daniella, que é simplesmente a irmã que eu nunca tive. Além de representar esse papel de família, é uma grande amiga e conhecedora da América Latina. Sua posição e influência política e social são maravilhosas. Espero ainda ser como você. Obrigada por aparecer na minha vida e por também ser uma grande influência.

Minha tia Patricia, com quem pude contar muito nos últimos meses. Descobrimos ter muito em comum, principalmente se tratando de ambições. “Termina essa monografia, faça mestrado, doutorado, seja grande!”. Serei. Obrigada!

Às minhas companheiras de apartamento Ana Luzia e Isabella, que me influenciaram a viver a vida um pouco mais leve. Acolheram-me quando precisei e foram muito companheiras. Vocês logo vão entender o que é escrever uma monografia. Obrigada por tudo.

Minha professora de História da América Latina e primeira orientadora Daniela Silveira, que me despertou o interesse por literatura e me influenciou indiretamente a trabalhar com esse tema. Se não fosse por você, provavelmente minha pesquisa seria outra. Então, devo lhe agradecer por ter sido tão boa professora e me direcionado tão bem.

Minha professora de História da América III, Mônica Campo, que me apresentou a América do século XX. Suas aulas foram muito importantes para minha formação de base teórica sobre peronismo. Lembro que meu trabalho nesta disciplina foi sobre o filme “A História Oficial”, que eu gosto muito, e você sempre falava muito sobre o cinema argentino. Obrigada por contribuir para o despertar de uma paixão pela história desse país.

Minha amiga Renata Dutra, que sentou comigo e ficou horas revisando meu texto, ajudou a pensar na problematização, no título. Não é qualquer um que faria por mim o que você fez. Mas pode ter certeza que eu faria o mesmo por você. Obrigada por todas as dicas, você foi um anjo.

Meu amigo Lucas Reis, que apontou várias críticas essenciais no meu trabalho e me despertou para questões que eu não tinha pensado antes. Além de ter formatado minha monografia. Obrigada!

Minha orientadora Ana Paula Spini, que elogiou minha escrita, meu tema e levantou meu ego quando eu precisei. Perdoe-me por ter dado tanto trabalho. Você foi sempre muito atenciosa e prestativa, essencial para a conclusão dessa etapa. Uma pessoa muito responsável, dedicada e apaixonada por História. Obrigada por ter aceitado me orientar.

Muito obrigada a todos e todas!

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de pensar sobre o livro *Operação Massacre* do jornalista argentino Rodolfo Walsh, escrito durante a “Revolução Libertadora”, em 1957, para denunciar um fuzilamento. Para isso, são utilizadas bibliografias de jornalistas e historiadores que discutem o gênero literário da obra, a descrição do fuzilamento, o contexto da ditadura civil-militar e a vida literária e política do escritor. O golpe que derruba Juan Domingo Perón inicia um processo de “desperonização” no país, que vai de encontro com o direito de liberdade de expressão da população, envolvendo questões éticas quando o governo decide punir quem não respeitasse a imposição. A investigação de Walsh começa como uma curiosidade, sem envolvimento político, apenas com o interesse de busca por justiça pelas vítimas. Ao longo da obra, com a introdução de apêndices e epílogos das novas edições, o escritor torna-se um sujeito político que não mais luta pela justiça de assassinatos isolados, mas contra um governo assassino. O livro é analisado levando em consideração a escrita do gênero de investigação jornalística que quer descobrir uma “verdade” sobre os fatos, diferente da escrita historiográfica, e como ela influenciou na vida política e literária do escritor.

Palavras-chave: Operação Massacre, Rodolfo Walsh, “Revolução Libertadora”, Argentina, História e Literatura.

Sumário

Introdução.....	11
Capítulo 1 – Da inquietação nasce a investigação: Rodolfo Walsh e o jornalismo literário	13
História e Literatura: Realismo Histórico	14
Literatura de Walsh e a produção literária argentina	15
Influências das Cartas	17
Narrativa historiográfica x Narrativa jornalística investigativa	19
“Um fuzilado está vivo”	21
Jornalismo investigativo.....	24
Quem eram os fuzilados.....	25
No lugar errado, na hora errada	28
O fuzilamento	31
Os sobreviventes	33
Capítulo 2 – Golpe civil-militar de 1955 e o projeto de desperonização da Argentina..	36
Inimigos do peronismo.....	37
O golpe	42
A Revolução de Valle	42
Nacionalismo católico x liberalismo conservador	44
Saída democrática com as eleições de 1958.....	48
O processo de Livraga.....	49
Capítulo 3 – Rodolfo Walsh: literato, jornalista e militante político.....	55
Biografia.....	57
Operação Massacre	59
Se posicionar à esquerda tem suas consequências.....	63
Queda de Perón e “Revolução Argentina”	66
Perseguições	69
Gênero literário	70
“¿Quién mató a Rosendo?” e “Caso Satanowski”	72
Desilusão política.....	73
Considerações finais	76
Referências bibliográficas	77
Filme consultado:.....	81

Introdução

A política argentina sempre foi turbulenta. Desde 1955, o país sofreu com quatro golpes de Estado que marcaram sua história com violência. Muitas pessoas desapareceram, foram assassinadas, sequestradas, perderam suas famílias. Neste trabalho, será abordado o livro *Operação Massacre* – publicado em 1957, por Rodolfo Walsh, jornalista argentino – que se situa no golpe da “Revolução Libertadora” (1955-1958). O escritor conta a história de um fuzilamento específico que aconteceu em 1956, numa noite em que o general Valle planejava um motim contra o governo, querendo a volta do presidente derrubado pelo golpe, Juan Domingo Perón.

Essa pesquisa pretende entender o contexto histórico em que se encontra o massacre, como o escritor é influenciado a escrever essa história e como ela desperta o interesse do leitor. Como essa narrativa influenciou na vida de Walsh e qual é a importância dessa denúncia para a História. Como Walsh utiliza de uma narrativa jornalística investigativa para fazer uma denúncia? Por que ele sai em busca de uma “verdade”? Por que ele movimentou tantas provas, foi atrás de tantas informações, deixando sua vida estável para escrever uma narrativa de denúncia? Também são discutidas as diferenças entre uma narrativa historiográfica e uma jornalística investigativa. Por que se preocupam com questões diferentes?

A denúncia de um fuzilamento, sem entrar na questão se ele realmente aconteceu ou não, é muito importante para população que vive a opressão de uma ditadura e para outras gerações, para que não se esqueçam e não cometam os mesmos erros, para que não se calem. A resistência, seja ela militar ou na caneta, é essencial para que não nos deixemos levar por uma autoridade que não fale também pelas minorias. Essa é a relevância desse estudo: levar ao leitor uma análise sobre a denúncia e a resistência. Mesmo que o livro, na época em que foi lançado, não tenha sido noticiado em nenhum jornal, apenas mais tarde, nas outras edições, atualmente ele é considerado um grande exemplo de narrativa de testemunho, de jornalismo investigativo e do chamado *new journalism*.

A obra é abordada neste trabalho como pertencente a um gênero literário híbrido, uma junção de literatura com jornalismo, algo que rompe limites e se constrói algo novo. É um romance de testemunho, é uma investigação policial, um testemunho histórico. Tudo isso junto pode definir a obra. Não apenas um desses, mas todos. A narrativa não só é cativante para o leitor, ela também foi inspiradora para o escritor, pois ajudou

na construção de uma identidade política. Um jornalista que chegou a pensar que a “Revolução Libertadora” poderia ser um bom governo, já que não gostava do peronismo, morreu como *montonero*, batendo de frente com uma das tantas ditaduras que ele viveu, sentindo-se esgotado e capaz de arriscar sua vida para ser ouvido.

O primeiro capítulo explica sobre o gênero literário da obra e a produção literária de Walsh, aborda alguns apêndices do livro que comentam sobre a vida política do autor, explica a narrativa jornalística em comparação com a historiográfica. Depois conta sobre o interesse do jornalista no massacre, a descrição do fuzilamento, quem foram as vítimas e o início do processo de Livraga. Talvez este capítulo seja o mais descritivo dos três, mas o intuito disso é fazer com que o leitor entenda cada detalhe de como o escritor agiu na sua investigação, do quanto ele se deixou envolver, de como aquele massacre acabou se tornando tão importante para ele.

O segundo capítulo localiza o leitor no contexto histórico da “Revolução Libertadora”. Explica de maneira geral porque o governo de Perón estava enfraquecido e foi deposto, quem eram os inimigos de Perón, como o governo “libertador” se dividia no poder, como foi a primeira tentativa real de uma contrarrevolução, a heterogeneidade do antiperonismo, como essa “revolução” fracassou, a saída democrática para as eleições de 1958. Voltando ao livro, explica como termina o processo de Livraga e ninguém foi punido.

O terceiro capítulo conta a biografia de Walsh, para compreender a construção de uma ideologia política com base nas suas experiências que aconteceram depois da investigação do massacre, a também, ainda que de forma inicial, as mudanças na sua literatura. brevemente da sua trajetória política desde o seu antiperonismo até sua morte como guerrilheiro *montonero* na ditadura implantada na Argentina em 1976.

Capítulo 1 – Da inquietação nasce a investigação: Rodolfo Walsh e o jornalismo literário

Rodolfo Walsh tinha 29 anos em 1956 quando ficou sabendo de um massacre na Província de Buenos Aires que o instigou a escrever, na época, um tipo de narrativa que nunca havia escrito antes. O livro *Operação Massacre* foi publicado um ano depois, em 1957, como relato de um fuzilamento em José León Suárez, sob o governo da chamada “Revolução Libertadora” imposto em 1955, depois da derrubada do governo de Perón.

A obra foi fundamental para o processo de transformação ideológica do escritor, uma vez que as investigações para a escrita do livro o fizeram modificar sua perspectiva política. Este capítulo tentará compreender a construção de uma escrita que foi tanto uma denúncia sobre os massacres ocorridos durante a chamada “Revolução Libertadora”, quanto uma prática social que marcou uma virada no processo de construção da identidade política do autor. Alguns jornalistas e escritores ¹ consideram que o autor criou um novo gênero de escrita, antecipando o *new journalism*, que faria sucesso apenas nos anos 1960 nos Estados Unidos, que tem como principais expoentes Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer e Truman Capote.

O livro escolhido tem um tema social e político que foi o que me despertou interesse, devido ao caráter da literatura como prática social; ao investigar e escrever sobre o massacre, o autor iniciou um processo de sua própria consciência histórica, que posteriormente mudou seu posicionamento político e sua trajetória na Argentina. Para isso considero literatura enquanto “objeto privilegiado para alcançar mudanças não apenas registradas pela literatura, mas, principalmente, mudanças que se transformam em literatura, pois, mais do que dar um testemunho, ela revelará momentos de tensão” ². Ela está carregada de questionamentos, propostas, críticas, resistências. Expressa relações sociais, modela formas de agir e pensar. Ela não deve ser lida apenas como uma história qualquer que se lê antes de dormir, para relaxar, ela traz várias possibilidades de entendimento sobre várias épocas e acontecimentos, te faz pensar e refletir.

Antes de publicar *Operação Massacre* em novembro de 1957, Walsh publicou artigos e notas nas revistas *Revolución Nacional* e *Mayoría* entre janeiro e julho do mesmo ano sobre os fuzilamentos de junho de 1956. Natalia Brizuela analisa o que sig-

¹ Esses jornalistas e escritores: FRANÇA, Inácio. *Operação Massacre*. Disponível em: <<http://www.caotico.com.br/operacao-massacre-agora-a-opinio-do-editor/>>. Acesso em: 6 de novembro de 2015. CZARNOBAL, André F. P. Gonzo. *O filho bastardo do new journalism*. Porto Alegre, mar/2003.

² VIEIRA, M. et. al. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 3ª ed., 1995. p. 21.

nifica a distância do tempo das publicações³. O livro somava-se do que foram as publicações nas revistas e teve três edições. Na primeira, em 1957, o título era *Operação Massacre. Um processo que não foi encerrado*, na segunda, em 1964, *Operação Massacre e o dossiê Livraga*, e na terceira, em 1969, finalmente, *Operação Massacre*, apenas. Esta terceira versão já teve cerca de quarenta edições nos últimos quarenta e poucos anos. Além da diferença dos títulos, as duas primeiras edições tinham uma epígrafe de T.S. Eliot, que foi trocada por uma citação do delegado de polícia. Para Brizuela, Walsh trocou a literatura por documento ao longo das edições, mas contrariando a escritora, penso que ele atribui um caráter investigativo e de denúncia à sua escrita.

É indispensável dizer que Walsh tem uma trajetória muito expressiva na literatura argentina. Todos os escritores argentinos que quiseram escrever sobre a violência política argentina tiveram que se deparar com Rodolfo Walsh. Exemplos desses escritores entre os anos 1970 e 1980 são: Ricardo Piglia, Osvaldo Lamborghini, Hector Libertella e Néstor Perlongher.

História e Literatura: Realismo Histórico

Durante boa parte do século XX, os romancistas dos Estados Unidos e Europa estavam muito comprometidos com o princípio da realidade. O romancista deveria utilizar-se de personagens, ambientes e acontecimentos plausíveis, que pudessem ser reais. Sendo assim, a diferença entre o realismo e a realidade estaria, por exemplo, na passagem do tempo⁴. Na ficção, o tempo dá saltos, passam-se anos em apenas uma página ou até duas linhas. O romancista pode cortar o mundo e o espaço de tempo em pedaços e depois ir montando-os novamente. De acordo com Peter Gay, “o mundo que o romancista realista cria é o mesmo do historiador, apenas alcançado por seus próprios caminhos”⁵, levando em conta sempre de que não existe isso que se chama “verdade” – todos os textos, mesmo os históricos, estão propensos a várias interpretações.

Os romancistas modernos estão realizando obras do gênero “romance-ditador” – romances que falam sobre ditaduras e tem como personagem principal seus ditadores – mais populares ainda entre os latino-americanos, “impregnando o leitor nu-

³ BRIZUELA, Natalia. Rodolfo Walsh entre a literatura e a política. In: WALSH, Rodolfo. **Operação Massacre**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 268.

⁴ GAY, Peter. **Represálias Selvagens: Realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 14

⁵ Ibid., p. 141.

ma atmosfera inseparável da corrupção do poder ditatorial”⁶. Também, no chamado romance histórico há uma dramatização do que os leitores já aprenderam e/ou revelam a posição política do autor. *Operação Massacre* levanta várias questões contemporâneas a esta: o plano de fundo que é um momento de ditadura e posições políticas atreladas a esse governo.

Segundo Leonardo Affonso Pereira e Sidney Chalhoub, “a proposta é historicizar a obra literária, inseri-la no movimento da sociedade, investigar suas redes de interlocução social, destrinchar (...) a forma como representa a sua relação com a realidade social”⁷, ou seja, é preciso interrogar esse documento que é, afinal, um testemunho histórico e fazer nosso papel de historiador. Temos que desvendar o testemunho, percebendo que os personagens do romance transformam a lógica da dominação social e se submetem a uma crítica cultural.

De acordo com Doris Sommer, em seu livro “Ficções de Fundação: Os romances nacionais da América Latina”, alguns escritos na década de sessenta começavam a experimentar novas formas de narrativa histórica⁸. É importante lembrar o quanto os romances nacionais do século XIX marcaram época para gerações de leitores. O romance nacional é um livro de leitura obrigatória no ensino médio como fonte de história local e de orgulho literário. Os latino-americanos demonstravam estar mais integrados às lutas partidárias do que os norte-americanos, que tinham uma postura metapolítica. Ou seja, política e ficção são inextrincáveis na história da construção nacional latino-americana, fazendo com que os romances caminhem de mãos dadas com a história patriótica na América Latina.

Literatura de Walsh e a produção literária argentina

Antes de *Operação Massacre*, a literatura de Walsh era policial. O livro baseado neste trabalho foi o primeiro que emerge de um contexto real, político peronista, populista, de esquerda, de luta revolucionária, socialista, depois da derrubada de Perón em 1955. A produção de Rodolfo Walsh, depois da publicação de *Operação Massacre*,

⁶ GAY, op. cit., p.151.

⁷ CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **A História contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 7.

⁸ SOMMER, Doris. **Ficções de Fundação**: Os romances nacionais da América Latina. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 17.

caracterizou uma importante relação com a literatura política. De acordo com o posfácio de Natalia Brizuela ⁹, essa relação se efetiva pela primeira vez com a produção literária da Geração de 37, do século XIX, em especial com “El Matadero”, de Esteban Echeverría, escrito entre 1837 e 1839. Nessa origem da literatura argentina, pode-se entender que surgiu uma literatura organizada a partir da violência social e histórica. Echeverría escrevia sobre o horror que atingia a Argentina na época que Juan Manuel de Rosas governava. A literatura, nesse momento do século XIX, era realizada pensando na projeção do Estado que estava nascendo no imaginário social. Era uma literatura política que se constituía na capacidade de narrar o que estava acontecendo a partir das experiências da violência política que circulava na Argentina.

Segundo Brizuela, *Operação Massacre* chega para se somar a essa literatura existente e, embora o livro narre acontecimentos naquela noite de 1956, esse relato não se constitui mais como literatura realista. Walsh escreve seu livro como resultado de investigações que denunciavam os fuzilamentos clandestinos e vários assassinatos sem punição. Seu objetivo é querer denunciar o desaparecimento de uma história de pessoas comuns que não apenas sofreram, mas foram silenciadas por um governo opressor.

Segundo Luís Roberto de Souza Júnior, o chamado *new journalism*, movimento norte-americano da década de 1960, foi praticado anos antes por Walsh em *Operação Massacre*, onde já se combinava a narrativa jornalística com a literária ¹⁰. Após Walsh, Truman Capote, Norman Mailer, Tom Wolfe, Joan Didion, Jimmy Breslin e Gay Talese obtiveram um grande sucesso de público com esse gênero em revistas e jornais. Esse “novo jornalismo” serviria para revolucionar um jornalismo estereotipado e incapaz de lidar com a pluralidade dos acontecimentos contemporâneos, ele seria o oposto ao jornalismo tradicional, mais objetivo, podendo até introduzir ficção para deixar o acontecimento mais dramático. Souza Júnior considera que o “novo jornalismo”, jornalismo literário e literatura de não-ficção são diferentes denominações para se tratar do mesmo gênero.

⁹ BRIZUELA, op. cit., p. 259.

¹⁰ SOUZA JÚNIOR, L. R. Em busca da literatura nos fatos corriqueiros do dia-a-dia: Uma visão da crônica como jornalismo literário. In: **III Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil**, 2012, Porto Alegre. Anais do III Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil, 2012. p. 2-3.

Segundo o trabalho do jornalista Luís C. Eblak de Araújo ¹¹, esse trabalho que Walsh realizou de investigação jornalística na década de 50 para compor o livro foi comparado com os moldes do caso Watergate – após dois longos anos de investigação, Bernstein e Woodward conseguiram comprovar o envolvimento da presidência na tentativa de espionagem do escritório democrata nas eleições de 1972 – que aconteceu anos depois, na década de 70. De acordo com Araújo, o caso Watergate foi uma inspiração para os jovens do mundo todo para seguir a profissão de jornalista. Após a renúncia de Nixon, o jornal “The New York Times” criou uma equipe de repórteres investigativos.

O que aconteceu depois do Watergate, foi que o significado de jornalismo investigativo acabou sendo um sinônimo de trabalho muito de qualidade, profundo, um trabalho que requer mais atenção, mais tempo, diferentemente do jornalismo comum, que não se aprofundava na investigação e no levantamento de evidências. Mas a maioria dos jornalistas, segundo Araújo, concorda que o jornalismo investigativo não pode ser sobre qualquer assunto, não consideram que reportagens externas ao jornalismo sejam consideradas verdadeiras investigações – o que distinguiria a reportagem sobre a corrupção em um país e sobre a amante de tal celebridade – pois perdem sua credibilidade e se tornam sensacionalistas, com o intuito de publicar histórias para vender.

Influências das Cartas

Walsh inicia sua trajetória de escritor político em 1957, com a publicação do livro e termina em 1977, com a “Carta aberta à Junta Militar”. Ele escreve este texto em denúncia da ilegalidade daquela ditadura e manda para vários jornais locais e estrangeiros. No dia seguinte ele foi sequestrado e passou a fazer parte da longa lista de desaparecidos.

O escritor teve duas filhas em seu primeiro casamento, Maria Victoria e Patricia. A primeira era guerrilheira *montonera* ¹² e morreu em combate. Seu pai, quando soube do acontecido, escreveu a Carta a Vicki, em homenagem a ela. De acordo com Letícia Malloy ¹³, que analisa a carta, escrita por Walsh em março de 1976, a maior parte da

¹¹ ARAÚJO, Luís C. Eblak de. Comunicação Individual. Jornalismo Investigativo: dos muckrakers aos anos pós-Watergate In: **III Encontro nacional de pesquisadores em jornalismo**, 2005, Florianópolis-SC, p. 5.

¹² Organização guerrilheira peronista que desenvolveu uma luta armada entre 1970 e 1980. Seu principal objetivo era derrubar o governo ditatorial da Revolução Argentina.

¹³ MALLOY, Letícia. Narrativas do trauma e da memória: reflexões sobre “Carta a Vicki” e “Carta a meus amigos”, de Rodolfo Walsh. In: **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo: Dossiê Imagem e memória**, Janeiro de 2012. p. 118-122.

carta é caracterizada por uma tendência à literalização e fragmentação. Essa carta é importante para entender o quanto a militância do escritor influenciou a filha e que essa vontade de lutar contra a política imposta surgiu depois da sua pesquisa para escrever *Operação Massacre*.

Walsh conta como foi quando soube do seu falecimento. Ele passa uma necessidade de colocar no papel seu sofrimento, fazendo com a filha um tipo de diálogo, celebrando sua vida e sua morte. É uma escrita intimista e simples, porém não-linear, atormentada e triste. Esse registro escrito da morte de sua filha é uma maneira de perpetuar as lembranças de sua luta e de sua morte pela militância. A segunda parte da carta, escrita quatro dias depois, segundo Malloy, é menos fragmentada e menos direta, há menos preocupação de descrever os sentimentos, mas uma tentativa de consolar a filha, dizendo que sua vida valeu a pena. Walsh escreve sobre seu desejo de uma anestesia profunda, que pudesse acordar depois de um bom tempo, com a intenção de evitar ou adiar o sofrimento.

Analizando também a “Carta a meus amigos”, escrita três meses após a morte da filha, Walsh escreve aos amigos que choraram pela filha e quer explicar como e porque ela morreu. Ele escreve na qualidade de testemunha secundária, usando uma “memória de imaginação”¹⁴, juntando os relatos das pessoas que passaram seus últimos momentos com ela e sua imaginação para contar como foi sua morte. Ela decidiu se matar enquanto estava em um combate. Levantou e disse “vocês não nos matam, nós escolhemos morrer”. Assim, ela e seus companheiros se matam com suas próprias armas. Walsh descreve sua morte como heroica, corajosa e lúcida. Diz que ela poderia ter seguido outros caminhos na vida, caminhos de honra, mas o caminho que escolheu foi o mais justo e que tinha muito orgulho de sua vida. Walsh, apesar de também seguir o caminho da clandestinidade, escolheu a escrita como sua arma.

Natalia Brizuela também faz uma análise da “Carta aberta” e de *Operação Massacre* e chega à conclusão de que estes textos “fazem mais parte do ‘Real’ do que da realidade”. Entendo que Walsh não quer discutir a veracidade do acontecimento, mas fazer uma denúncia de um silenciamento, uma opressão de sujeitos históricos.

Rodolfo Walsh antes de 1957, não era um homem apaixonado por política, mas pela literatura policial, ele ainda não estava inserido no campo da violência política, ele escrevia contos e romances policiais. Mas é importante dizer que, mesmo que eventu-

¹⁴ MALLOY, op. cit., p. 118-122.

almente ele tenha começado a escrever outro tipo de gênero, a literatura policial continuou existindo para ele. Mas isso também tem uma contradição: a partir da década de 1970, Walsh diz não acreditar mais na literatura que não era voltada para o ativismo político, de luta armada revolucionária. Então como se pode dizer que a literatura policial continuou presente na escrita política de Walsh? O elemento que une o momento literário anterior a 1957 e o após *Operação Massacre* é a busca pela justiça por meio de denúncias e o de se tornar detetive. No livro, Walsh precisa encontrar algo que prove que o fuzilamento de 1956 foi ilegal. Então ele descobre o horário da transmissão da Rádio do Estado em que se anuncia a Lei Marcial, acontecendo depois da detenção dos suspeitos, tornando-a ilegal, fazendo com que ela seja um crime. Walsh se transforma em um detetive, um investigador secreto.

Brizuela continua fazendo uma biografia completa do autor, principalmente literária. O escritor começa sua vida literária em 1950, ganhando o Primeiro Prêmio de Contos Policiais, organizado pela revista *Veja e Leia* e pela editora Emecé. Mas nessa época ainda não existia o detetive Daniel Hernández, personagem bíblico que marcaria a escrita do autor. Ele surgiria dois anos depois no livro *Variaciones en rojo* e no conto *Tres portugueses bajo un paraguas*. Dessa literatura pode-se destacar também *Diez cuentos policiales argentinos*, de 1953, um artigo de 1954 sobre a história do gênero, e outro pequeno artigo no jornal *La Nación*, chamado “Dois mil e quinhentos anos de literatura policial”, texto em que Walsh ousadamente diz que os elementos do relato policial precedem Edgar Allan Poe, argumentando que na Bíblia, especificamente no livro de Daniel, já existia vestígios de relatos policiais em que Poe utilizaria séculos depois e que Daniel foi o primeiro detetive da História.

Narrativa historiográfica x Narrativa jornalística investigativa

Caparelli ¹⁵ compara *Operação Massacre* com *O Processo*, de Kafka. De acordo com ele, Kafka consegue entender a crise de valores do homem moderno, “perplexo diante do mundo e condenado por seus tribunais cotidianos”. Kafka previu a crise do homem do século XX e Walsh previu a crise do cidadão perante o Estado na época da “Revolução Libertadora”, fazendo uma previsão das tragédias dos golpes das décadas de 60 e 70. Caparelli pensa que a narrativa de Walsh se torna banal, mostrando o cotidi-

¹⁵ CAPARELLI, Sérgio. **Reportagem a descoberto**. R. Bibliotecon. & Comun., Porto Alegre, v. 4, jan./dez. 1989, p. 56.

ano dos personagens antes do massacre e depois como as famílias buscam por informação, parece uma narrativa sem paixão, como um observador do cotidiano. Contrariando esse pensamento, formo da opinião de que o escritor era sim muito apaixonado por essa investigação, diria até obsessivo em descobrir os culpados de uma história que ele realmente acreditava ser um fato. Este fuzilamento despertou nele uma satisfação pela investigação, tanto que ele continuará escrevendo sobre casos como esse em *Caso Sata-nowsky* e *¿Quién mato a Rosendo?*

O que se pode criticar em *Operação Massacre* é que Walsh poderia ter explicado os acontecimentos narrados num contexto mais amplo, falado sobre a dificuldade em que o populismo se encontrava na década de 50, sobre as transformações mais fundamentais que proclamava necessário introduzir na estrutura econômica que implicava sacrifícios que o governo não podia impor a não ser que se transformasse numa ditadura, e essa política neoconservadora praticada na economia no início dos anos 50 provocou ruptura dos grupos que o apoiavam, que juntos com a oficialidade do exército e setores fascistas, provocavam sua derrocada em setembro de 55. Também teria que falar da repressão de Aramburu sobre o peronismo, sobre a classe trabalhadora, privilegiando latifundiários e o setor agropastoril, falar de um país dependente das exportações, estagnado numa política liberal-conservadora. Ele teria que ter contextualizado tudo como um historiador, mas preferiu fazer uma narrativa jornalística. Ele não contextualizou o massacre no momento histórico político. Não estou apontando essa crítica diretamente ao Walsh, mas à narrativa da escrita do jornalismo investigativo, que é caracterizada por essa pouca importância dada à narrativa historiográfica. Essa talvez fosse a grande diferença entre a narrativa jornalística e a historiográfica: a preocupação dos historiadores em construir uma análise explicativa sobre os processos históricos. O historiador não se limita ao fato, mas amplia sua análise para as condições de sua ocorrência em certo momento, em um dado lugar.

A impressão que o livro passa é que quando o autor foi relatar este acontecimento, não se importava com a história política do seu país, por isso não se importava em explicá-la. Essa preocupação só vai surgir na década de 70, depois de ter sido militante peronista e viver na clandestinidade. Isso aparece no seu primeiro epílogo, quando diz “uma de minhas preocupações em descobrir e relatar tal matança quando seus autores ainda estavam no poder foi mantê-la apartada, tanto quanto possível, de outros fuzilamentos. (...) Este método me obrigou a renunciar à contextualização histórica em favor

do caso particular”¹⁶. Por isso Walsh quase não fala sobre a revolução de Valle, que envolvia a morte de militares. Apresentando esse caso em particular, ele esperava obter alguma justificativa ou perdão do governo à população, principalmente às famílias das vítimas.

Segundo sua biografia no livro, ele entrou para a militância de esquerda em 1971 e, em 1973, entrou para a organização *Montoneros*, depois de deixar as Forças Armadas Peronistas¹⁷. No primeiro momento em que ele escreve *Operação Massacre*, ainda não está interessado em nenhuma ideologia política, apenas em fazer uma denúncia à máquina de poder. Ele ainda não era peronista e nem tinha intenção em ser. Ele também confessa que, assim como tantos outros, havia acreditado e apoiado em 1955 a “Revolução Libertadora”, pois abrigava “a certeza de que acabava de ser derrubado um sistema que espoliava as liberdades civis, que negava o direito de expressão, que estimulava a subserviência, por um lado, e o abuso, por outro”¹⁸, mas depois afirma que não era mais partidário da revolução que já desacreditara ser libertadora. Walsh parece fazer parte de uma população que não foi beneficiada pelas melhorias que Perón propiciou para os proletários, então só conseguia enxergar os defeitos desse governo¹⁹.

Passaram-se dez anos entre a escrita do livro e a aproximação com o peronismo. Entre esse período, Walsh viaja a Cuba para participar da *Prensa Latina*, criada por Che Guevara logo após a Revolução Cubana. Ele participa de investigações dos Serviços Especiais do Departamento de Informação e pratica criptografia – ele desvenda um telegrama americano que pretendia ser comercial, mas continha detalhes sobre a invasão da Baía dos Porcos, ocorrida em 17 de abril de 1961, que fracassou graças ao trabalho de Walsh. Sua volta a Cuba em 1967, convidado pela Casa das Américas, e a morte de Che Guevara na Bolívia foram fatores que contribuíram para a sua aproximação com a militância peronista.

“Um fuzilado está vivo”

Em junho de 1956, fazia nove meses que Perón havia sido deposto pela “Revolução Libertadora”. Alguns peronistas resolveram fazer a primeira grande tentativa de

¹⁶ WALSH, op. cit., p.191.

¹⁷ A FAP teve uma aparição pública em 1968, em uma fracassada ação de guerrilha em Taco Ralo, Tucumán. Era um pequeno grupo na época e seu objetivo era começar a realizar ações de propaganda armada para mobilizar o povo peronista. Depois em 1970 o grupo se organizou novamente em ações de guerrilha, mas em 1971 sofreu uma divisão e uma parte se integrou aos *montoneros*.

¹⁸ WALSH, op. cit., 236.

¹⁹ Isso se trata de uma hipótese que não poderá ser desenvolvida neste trabalho, mas talvez futuramente.

tomar o poder numa revolta que ficou conhecida como revolução de Valle. Aramburu e Rojas, presidente e ex-presidente, tinham informações da conspiração, foi então que o primeiro deixou decretada a Lei Marcial e de pena de morte. O sinal da resistência se daria às 23 horas do dia 9 de junho pelo rádio, mas nunca chegou a acontecer. Mais de dez homens foram levados de uma casa em Florida neste dia enquanto escutavam uma luta de boxe no rádio. Foram rapidamente interrogados na delegacia e condenados a fuzilamento. Walsh não tem certeza de quantas pessoas estavam na casa, mas o massacre deixou pelo menos cinco mortos, um ferido grave e seis sobreviventes.

É com esse intuito de descobrir sobre os fatos que ocorreram nesse dia que Rodolfo Walsh escreve seu livro de investigação *Operação Massacre*. O livro começa com um pequeno prólogo, em que o escritor desabafa sobre sua paixão pela investigação que foi sendo construída a partir do momento em que ele foi descobrindo novos fatos. A primeira notícia que ele teve dos fuzilados foi no fim do ano de 1956, enquanto jogava xadrez num café em *La Plata*. Seis meses antes, no mesmo lugar, ele foi surpreendido por tiroteios no comando da 2ª Divisão de Exército e na chefatura da Polícia, onde acontecia um assalto, no meio da fracassada revolução de Valle. Todos do café saíram apressados para suas casas. Quando Walsh finalmente chegou em casa, se deparou com vários soldados em todos os cômodos, desde então tomou aversão a casas localizadas perto a quartéis, comandos ou delegacias de polícia.

Walsh diz não querer se lembrar daquilo, não lhe interessava a “revolução” ou o peronismo, ele só queria voltar àquele momento em que jogava xadrez, à sua literatura policial, ao seu jornalismo e nunca mais se lembrar do estado em que encontrou sua casa naquela noite. Mas seis meses após esse episódio, um homem diz “um fuzilado está vivo”. Foi o suficiente para Walsh se sentir atraído pela história. Foi então que decidiu procurar o sobrevivente Juan Carlos Livraga para conversar. Diante da condição em que se encontrava o homem – buracos na bochecha e garganta, boca estraçalhada, olhos opacos – o investigador se sente insultado. Logo quando Livraga começa contar sua história, ele acredita no ato. Neste momento, o leitor percebe o sentimento de empatia que o escritor cria com o sobrevivente. Esse sentimento também se abrange com os outros sobreviventes que aparecerão, fazendo com que Walsh acredite plenamente nos testemunhos coletados. O “acreditar no ato” envolve a questão do escritor encarar o fuzilamento como uma verdade incontestável naquele momento. Mas a ideia do livro não é convencer o leitor de que aquilo realmente aconteceu, mas passar a acusação de um governo que até então tinha prometido ser o oposto do peronismo “fascista” que,

segundo eles, oprimia e não defendia a liberdade de expressão. Assim, da curiosidade nasce a investigação. Walsh se desvencilha de sua casa, seus bens materiais, seu trabalho, adota o nome falso de Francisco Freyre, começa a viver em uma casa no Tigre com um revólver sempre à mão.

Livraga conta que eram mais ou menos dez e que ele sabia existir mais um homem vivo, o Giunta. Walsh acompanha Livraga até o julgamento, fingindo ser seu primo, em que ele conta em detalhes para o juiz tudo o que aconteceu naquela noite, mas é duvidado o tempo todo. O escritor anota todo o depoimento do sobrevivente e procura os jornais para publicá-lo.

Walsh desabafa sobre quando ele tentou publicar aquela notícia nos jornais de Buenos Aires, mas ninguém ao menos queria ouvir sobre o assunto. Ele diz que o problema é que ele acabava inocentemente acreditando nos contos policiais em que lia e escrevia, pensando que esse tipo de notícia seria disputado nas redações e que um grande jornal mandaria vários repórteres e fotógrafos para a cena do crime, como num filme. Ao invés disso, ele descobre que ninguém ao menos quer tomar conhecimento do assunto. Doze anos após a primeira edição do livro, Walsh escreve no prólogo da segunda edição que mesmo depois de tanto tempo, não existia nada publicado sobre aquele massacre, era como se a história não existisse, como se a história e a memória daquelas pessoas tivessem sido roubadas.

Procurando “nos subúrbios do jornalismo”, o escritor encontra em Leandro Alem um homem que aceita publicar a notícia, e o compara com um herói de filme. Ele cita também a ajuda de Enriqueta Muñiz, uma jornalista que se envolve profundamente na história e o acompanha em várias situações.

Ele também procura se encontrar com o outro sobrevivente, segundo Livraga, Miguel Ángel Giunta. Foi difícil conversar com ele, era um homem muito desconfiado e não acreditava que Walsh e Enriqueta fossem jornalistas, mas aos poucos ele vai abrindo a porta de casa. Walsh diz que “escutar Giunta é algo penoso”, o que ele conta parece um filme, algo inacreditável. O homem ainda se sente muito mal pelo ocorrido, não consegue aceitar que aquilo aconteceu com ele, uma pessoa honesta, que nem é peronista. Walsh, depois de conversar com Giunta, poderia simplesmente ter publicado a história dele e finalizado o caso se não fosse por uma coisa: Giunta acredita ter um terceiro sobrevivente, Horacio di Chiano.

No dia seguinte da entrevista com o último sobrevivente, chega ao jornal uma carta anônima dizendo que “conseguiram fugir: Livraga, Giunta e o ex-suboficial Gavi-

no” e que esse Gavino conseguiu asilo na baixada da Bolívia. Portanto, já eram quatro sobreviventes. Walsh não consegue encontrar Gavino, mas fala com seu amigo Torres que comenta saber de mais dois homens vivos. E talvez mais outro, segundo Torres, pois também havia um sargento que ninguém soube mais dele. Então são sete homens. Walsh conversa com sobreviventes, viúvas, órfãos, conspiradores, asilados, fugitivos, delatores, “heróis anônimos” – como ele mesmo diz. No mês de maio, o escritor diz já ter escrito metade do livro. Na busca por alguém que o publique, encontra os irmãos Jacovella, que aceitam participar daquela confusão.

Jornalismo investigativo

Walsh utiliza de uma “cultura social narrativa que os jornalistas se abastecem para organizar a realidade de maneira dramática”²⁰. Segundo Correia, estilos como a abdução, que se pode perceber na narrativa de Walsh, são comuns no jornalismo investigativo²¹. O escritor elabora uma teoria, uma hipótese para um caso e depois tenta comprová-la e experimentá-la. Esse estilo vem da influência de contos policiais como Sherlock de Conan Doyle, autor que Walsh se inspirava muito para escrever seus próprios contos.

Correia a reportagem é narrada sob uma teia de suspense que desenrola as investigações com a ajuda de “ganchos” que fazem com que o leitor seja tomado pela curiosidade para acompanhar o destino dos personagens. Em *Operação Massacre*, o leitor que lê a narrativa dramática sente necessidade de saber o destino dos sobreviventes e se os culpados serão punidos, acreditando no escritor. O papel do historiador entra para criticar e argumentar contra a imposição de “fatos” que o escritor coloca, sabendo que a narrativa vai além de descobrir uma “verdade”; ela é importante para o questionamento de um governo arbitrário, que utilizou de um poder opressor para punir inocentes e para a análise de uma investigação.

O jornalismo investigativo é responsável pela busca de uma verdade oculta, que está sendo escondida do público, através de uma investigação com informações de difícil acesso conseguidas pelo jornalista. Ele faz uma denúncia que causa indignação mo-

²⁰ MOTTA. Enquadramentos lúdico-dramáticos no jornalismo: mapas culturais para organizar narrativamente os conflitos políticos. In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe (Orgs.). **Mídia, representação e democracia**. São Paulo: Hucitec, 2010 apud CORREIA, Eduardo Luiz. O jornalismo investigativo sob a ótica do conto policial. **12º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Santa Cruz do Sul, UNISC, Novembro/2014.

²¹ CORREIA, op. cit., p. 4.

ral em uma narrativa que explora um vilão e uma vítima. É o tipo de coisa que mexe com grandes interesses, com corporações poderosas, com crime organizado, com policiais corruptos. A investigação jornalística tende a se misturar com uma atividade muito mais próxima do trabalho policial do que, propriamente, do jornalismo. Existe a infiltração em lugares proibidos, enfrentamento dos perigos. São utilizadas fontes diversas, documentais ou pessoais. O jornalista precisa fazer uma pesquisa minuciosa, insistir naquela investigação, ter um conhecimento policial básico, ser curioso e desconfiado, ter discrição e objetividade ²². Walsh se utiliza de todos esses conceitos jornalísticos para começar sua investigação, a partir daquela denúncia do bar, que provocou sua curiosidade, até correr o perigo na clandestinidade em meio a um governo autoritário, carregando uma arma, à procura das vítimas e de pessoas envolvidas.

No final do prólogo, Walsh faz seus agradecimentos a todos que o ajudaram na investigação. A partir daí, começa a primeira parte do seu livro, em que ele cita todos os nomes dos homens que ele sabia que estiveram aquela noite de 9 de junho de 1956, em uma casa ouvindo a luta de boxe no rádio, quando os policiais chegaram e prenderam todos.

Quem eram os fuzilados

Walsh entra em muitos detalhes na descrição dos fuzilados, talvez para trazer o máximo de realidade para o leitor, fazendo com que este crie a mesma empatia que ele para com o sofrimento desses homens. Também fui detalhista na descrição, mas faço uma crítica ao fato de o escritor pegar o testemunho como prova suficiente de uma “verdade” em que ele acredita e ao sentimentalismo que percebi na leitura do livro.

O primeiro personagem a ser descrito por Walsh é Nicolás Carranza, um verdadeiro peronista que passava a vida fugindo. Naquela noite, ele chegou em casa, encontrou com seus seis filhos e sua companheira, o que era raro. Este homem já havia passado por maus momentos. Uma vez, deixou sua filha mais velha na casa de parentes, em Frías, enquanto viajava para a linha norte do Belgrano. Em Simoca, ele foi preso por uma denúncia de panfletagens. Oito horas depois, a filha mais velha foi tirada da casa em que estava, levada para a delegacia e interrogada por quatro horas: “Seu pai andava com panfletos? Seu pai era peronista? Seu pai era delinquente?”. Depois desse dia, Car-

²² FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 17.

ranza se tornou um homem mais duro e amargo. Jantou com as crianças, conversou com a mulher e saiu. Foi bater na casa de Garibotti.

Walsh descreve a casa com vários porta-retratos de família. Garibotti também tinha seis filhos, mas eram mais velhos do que as crianças de Carranza. O homem não queria se meter em encrenca, sua vida era boa. Carranza bate em sua porta e os dois pegam um trem para a Florida. Segundo Walsh, é possível que Carranza tenha pedido algum favor ou que tenha explicado sobre um motim ou talvez apenas tenha dito para que eles fossem à casa de um amigo ouvir o rádio, pois seria dada uma notícia.

A propriedade onde eles entram tem duas casas, uma na frente e outra nos fundos. Vão para a segunda e atravessam um longo corredor. A casa da frente é de Horacio di Chiano. O escritor, neste momento, comenta o que acontece no mundo naquela época. Essa é uma das poucas vezes em que se propõe elaborar um contexto histórico.

Nos Estados Unidos, Eisenhower foi operado. Em Londres e Washington se discute as notas de Bulganin sobre o desarmamento. San Lorenzo derrota Huracán no futebol. O general Aramburu viaja a Rosario, onde é recebido pelo interventor federal e fala a frase que se repetirá mais tarde “Não temam os temerosos. A liberdade ganhou a partida”²³.

Naquela noite, Horacio di Chiano encontra com seu vizinho Miguel Ángel Giunta quando chega do trabalho e o convida para ouvir a luta em sua casa mais tarde. Nesse momento, trinta quilômetros dali, no Campo de Mayo, um grupo de oficiais comandados pelos coronéis Cortínez e Ibazeta dá início à rebelião de junho.

Algumas pessoas vão chegando a casa e outras vão saindo. A identidade de algumas nunca vai ser descoberta. Por volta das 21 horas, aparece o suboficial Rogelio Díaz. Sabe-se que ele mora perto dali, que ele é da Marinha, mas não se sabe por que ele apareceu na casa ou se está comprometido com o movimento revolucionário. Em um momento, estava feliz jogando cartas, em outro estava dormindo no banco da Unidade Regional de San Martín, sem peso na consciência – conta Walsh o que lhe foi narrado.

Outro homem que fez parte do massacre foi Carlitos Lizaso. Seu pai tinha sido simpatizante do peronismo, mas, mesmo estando afastado, política era um assunto sempre discutido em sua casa. Lizaso não parecia estar envolvido com política, até que se encontrou um bilhete na casa da namorada escrito “se tudo sair bem esta noite...”²⁴. Um

²³ WALSH, Rodolfo, op. cit., p. 35-36.

²⁴ Ibid., p. 43.

homem, mais tarde chamado Marcelo, amigo da família de Lizaso, vai pressentir algo ruim e passará na casa em que Lizaso está ouvindo a luta cerca de três vezes para buscá-lo, mas sempre o encontra animado e acredita quando ele diz que vai embora em 10 minutos. Walsh diz que Lizaso parece saber algo sobre a revolução de Valle e estava ali por vontade própria.

Marcelo também parecia conhecer Norberto Gavino. Ele também estava esperando a tal notícia que seria dada pelo rádio, mas que nunca existiu. Walsh está ciente de que não há dúvida de que Gavino sabia da revolução, essa crença é obtida apenas através dos testemunhos dos sobreviventes. Ele estava foragido e sendo procurado pelas autoridades militares e policiais, então se refugiou aquela noite na casa de seu amigo Torres, para ouvir a luta.

Juan Carlos Torres era o inquilino da casa dos fundos. Segundo o escritor, ele leva cerca de três vidas distintas. Para a polícia, era um elemento escorregadio e perigoso, muito procurado. Walsh o encontra depois, asilado numa embaixada latino-americana. Na entrevista, Torres diz que não havia motivo para fuzilarem os homens que se encontravam naquela casa, mas, no caso dele, até poderia haver justificativa, porque ele sabia do que se passava e a polícia havia apreendido documentos em sua casa. Ele diz que somente ele e Gavino sabiam exatamente o que acontecia, mas não sabiam se ou onde iriam atuar, estavam esperando um contato que não aconteceu. A “desgraça”, como diz Torres, era que várias pessoas tinham o costume de entrar em sua casa, mesmo não o conhecendo e naquela noite foi isso o que se passou. Ele não poderia ter alertado aquelas pessoas porque ele não tinha a certeza de que aconteceria algo aquela noite, tudo dependeria do contato que aconteceria pelo rádio. Ele estava tranquilo, achando que as pessoas iriam embora depois de um tempo e nada aconteceria.

Mario Brión é um rapaz sério de 33 anos, amante da literatura, possui vários livros de autores como Horácio, Sêneca, Shakespeare, Unamuno e Baroja. Também possui livros norte-americanos que ensinam a “como vencer na vida”²⁵. Vive com a mulher e o filho de quatro anos. Naquela noite, ele decide ouvir a luta na casa de Torres.

Juan Carlos Livraga, primeiro entrevistado de Walsh, é um homem comum com ideias comuns, de acordo com o escritor, pensa muito antes de dizer. Ele será o único com coragem para se apresentar na justiça e reclamar seus direitos. Ele nega que sabia

²⁵ WALSH, op. cit., p. 52.

de algo aquela noite, confirmando que não tem antecedente policial, judicial, sindical ou político.

Vicente Rodríguez, conforme diz Walsh, era um homem que não conseguiu vencer na vida. Esta fala do escritor é um pouco contraditória, principalmente vindo de alguém que trabalhou com comunistas em Cuba, que deixou tudo na vida para ser um militante peronista, combatendo injustiças sociais ao lado de pessoas pobres. O que seria “vencer na vida” para Walsh? Fica claro para o leitor, depois de ler sua biografia, que Walsh já não teria escrito isso depois de entrar para a militância, o que só aconteceu depois da escrita do livro. Naquela noite, Rodríguez sai de casa dizendo à mulher que ia trabalhar, mas não se sabe se foi isso mesmo que aconteceu. Ele combina com Livraga de devolver a mala que emprestou dele, mas param no meio do caminho para ouvir o rádio na casa de Torres.

Estes são os homens que com certeza estavam na casa àquela noite. Alguns outros entraram, mas logo foram embora. Há um momento em que dois homens suspeitos entraram na casa e só mais tarde se entenderá que eram espiões – ficaram um tempo observando o que acontecia, depois informariam que não há armas no local e o caminho está livre. Neste momento, na 2ª Delegacia de Florida, vinte homens estão reunidos para uma misteriosa diligência. A polícia bate na porta de Don Horacio.

No lugar errado, na hora errada

Assim termina a primeira parte do livro e começa a segunda, intitulada “Os fatos”. Walsh, nesta parte, conta como os policiais invadem a casa, levam todos os homens que lá estavam para a delegacia, ficam horas interrogando-os e depois os levam para um campo aberto, onde acontece o fuzilamento. Os sobreviventes ficam completamente atordoados e cada um segue para um lado diferente. Quando os policiais entram na casa às 23 horas, o chefe de polícia questiona “onde está Tanco?”. A história deste general rebelde chamado Tanco será conhecida apenas dias mais tarde, depois de descoberta a revolução de Valle, mas até então, ninguém sabia do que o policial estava falando. Logo, apanham os homens e os levam para o carro da delegacia de Florida. Um ônibus vermelho e uma caminhonete policial também estão estacionados na rua. Enquanto isso, Torres, que parece ter ouvido o que se passava, escapou pelo pátio, e Liza so tentou fazer o mesmo, sem sucesso.

Na casa dos fundos a cena se repete: a polícia não encontra resistência. Todos são levados para o ônibus. Os policiais perguntam o nome de todos e o nome de Gavino parece chamar a atenção, então é para ele que a pergunta se repete: “onde está Tanco?”, com ameaça de morte. Outras três pessoas também são detidas naquela hora: um guarda noturno de uma fábrica, um motorista que passava por ali e um jovem que saía da casa da namorada. Ninguém sabia para onde estavam sendo levados, mas perceberam que o homem que gostava de espancar e ameaçar era o chefe de Polícia de Buenos Aires, tenente-coronel Desiderio A. Fernández Suárez.

O veículo para na Unidade Regional de Polícia em San Martín. Por vinte ou trinta minutos ficaram sentados esperando. Enquanto isso, ainda em Florida, Julio Troxler e Reinaldo Benavidez aparecem na casa para buscar um amigo e são surpreendidos por um sargento e dois guardas, que estavam lá revistando as casas.

Troxler é peronista, mas fala pouco de política. Tem dois irmãos no Exército e ele próprio ingressou na polícia bonaerense, mas acaba pedindo demissão por não concordar com as brutalidades que são usadas como métodos pelos policiais. Sabe-se ainda menos de Benavidez. Troxler conhece o policial que quer prendê-los e questiona aquela situação, mas o policial diz não saber o porquê, que só está obedecendo a ordens.

À 0h32, a Rádio do Estado interrompe a música que estava tocando e anuncia a leitura de um comunicado da Secretaria de Imprensa da Presidência da Nação, promulgando os decretos:

“Artigo 1º - Declara-se a vigência da lei marcial em todo o território nacional.

Art. 2º - O presente decreto-lei será referendado pelo Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente Provisório da Nação, e pelos senhores ministros, secretários de Estado, da Aeronáutica, do Exército, da Marinha e do Interior.

Art. 3º - Publique-se.

Ass.: Aramburu, Rojas, Hartung, Krause, Ossorio Arana e Landaburu.”²⁶

O segundo decreto dispõe sobre as normas e circunstâncias que regem a sua aplicação. O anúncio justifica os decretos dizendo que elementos perturbadores da ordem pública obrigam o governo a adotar medidas adequadas para garantir a tranquilidade pública.

À 0h45, os prisioneiros foram retirados do ônibus na Unidade Regional. Ouvem-se lamentos, explicações e indignações de todos. De repente, um oficial chega a dois ou

²⁶ WALSH, op. cit., p. 77.

três e pergunta se são presos políticos, depois diz “Fiquem contentes. Estourou a revolução e já não temos comunicação com La Plata” ²⁷. Eles ficam aliviados porque pensam que, como foram presos antes de ser decretada a lei, não poderiam fazer nada com eles. Subitamente os guardas mudam de conduta, se tornam rudes.

O passado de Rodríguez Moreno, delegado-inspetor da Unidade Regional de San Martín, é repleto de tragédias e ele teme que esta noite se inclua no seu currículo de “mal entendidos”. Segundo a narrativa de Walsh, em 1943, à frente de uma delegacia em Mar del Plata, um vagabundo é brutalmente espancado numa cela e depois jogado na praia em pleno inverno, morrendo de frio totalmente despido. O delegado foi processado e chegou a ficar um tempo preso. “Era inocente”, disseram seus defensores. Mais tarde, no final de 1956, um batedor de carteiras chileno foi morto a cacetadas no cárcere. O delegado foi responsável? Não se sabe... No início de 1957, um policial é morto a tiros de metralhadora por seus companheiros no que pareceu ser um “deplorável acidente” ²⁸.

Nesta noite de 9 de junho, está com ele o subchefe da Unidade, delegado Cuello. Eles decidem tomar declarações. Perguntam se sabiam da Revolução, questionam porque estavam onde estavam àquela hora, perguntam se já tinham visto braceletes com as iniciais P.V. (Perón Vuelve). Às 3h45 os interrogatórios terminam, dois oficiais param junto à porta para conversar: “Se a situação virar, dispensamos esses elementos” ²⁹. Mas a situação não vira. Começam a chamá-los novamente para interrogá-los.

Pela interpretação de Walsh, aparentemente, o delegado-inspetor Rodríguez Moreno estava tentando ganhar tempo, ele não parecia achar razoável sair para matar dez, quinze pessoas. Ele está convencido de que mais da metade deles não tem culpa alguma. As instruções são claras: fuzilá-los. O guarda-noturno, o homem que tinha ido jantar com amigos e o que se despedia da namorada foram libertos. Rodríguez Moreno vai dizer mais tarde que a ordem de fuzilamento os incluía, mas ele decidiu libertá-los por conta própria.

Os demais presos são colocados em um veículo de transporte de tropas de choque. Os policiais dizem que vão levá-los a *La Plata*. Uma cena curiosa acontece. Cuello chama Giunta e pergunta “o senhor estava naquela casa? Realmente estava?” ³⁰. Giunta compreende que ele estava querendo que dissesse não para que pudesse soltá-lo. Mas

²⁷ WALSH, op. cit., p. 80.

²⁸ Ibid., p. 86.

²⁹ Ibid., p. 89.

³⁰ Ibid., p. 94.

não consegue mentir. Todos subiram, eram pelo menos doze, mas nunca se conseguiria saber ao certo. Os guardas estavam armados de simples fuzis Mauser, o que era incompreensível perante aquela tarefa. Seria algum tipo de chance que Rodríguez Moreno estaria dando aos prisioneiros? Ou talvez não houvesse fuzis-metralhadoras na Unidade Regional. Walsh tenta entender cada detalhe do depoimento dos sobreviventes, tentando encontrar uma explicação para a sobrevivência deles. O que se sabe é que graças a isso e a outras estranhas circunstâncias, metade dos homens se salvará.

Os guardas instalam cortinas de lona que cobrem a carroceria do caminhão. Os prisioneiros não têm como observar os detalhes da rua e estrada para onde estão sendo levados, então não sabem que não estão indo em direção a *La Plata*.

O fuzilamento

O caminhão para e os guardas dão a ordem para descerem seis prisioneiros. Descem, de acordo com alguns depoimentos, Rodríguez, Giunta, Brión, Livraga e outro, talvez também Gabirotti e Díaz. Troxler vai dizer que Benavídez, Lizaso e um suboficial anônimo ficaram com ele no caminhão. Os guardas mandam os prisioneiros caminharem pela margem do terreno, a caminhonete os ilumina pelas costas. Livraga vai andando para a esquerda, vestindo um casaco preto, se afastando dos demais, aos poucos saindo do ângulo dos faróis que o iluminava, ele tenta chegar numa vala.

Enquanto isso, no caminhão Troxler está sentado com as mãos apoiadas no joelho, vigiando os guardas mais perto da porta e pensa em pular. Benavídez está de olho em outra porta. Don Horacio também parece ter se distanciado dos demais. Os guardas gritam “alto!”, começam a tomar distância, colocando suas mãos nas Mauser. Troxler, no caminhão, projeta sua fuga. Ele, Benavídez e Lizaso conseguem fugir, pegando os fuzis dos guardas que protegiam as portas.

Rodríguez Moreno dá a ordem de atirar. Todos tentam se proteger de alguma forma. Os guardas começam a dar o tiro de misericórdia um por um. Livraga ficou imóvel, mas estava deitado de costas. A caminhonete se aproxima dele e os guardas acertam-lhe três tiros: um rente à cabeça, outro na bochecha e outro no braço. Mas Livraga continuou vivo.

Os sobreviventes se dispersam pelo campo. Gavino não parou de correr, consegue chegar numa rua onde vê casas; depois chega à estação Chilavert do Mitre e sobe num ônibus. Foi o primeiro a se asilar numa embaixada latino-americana em plena vi-

gência da lei marcial. Giunta chega a uma zona povoada e, andando por uma estrada de terra, encontra três rapazes que lhe dão dinheiro para chegar à estação, como Gavino. Quando compra o bilhete para Retiro, percebe três homens olhando fixamente para suas botas enlameadas e sua calça rasgada. Ele entra no trem e fica desesperado, pensando em algum jeito de escapar. Então resolve saltar e por pouco não morre.

Julio Troxler havia se escondido em uma vala. Quando se sente seguro, se aproxima dos cadáveres e verifica se estão mortos para depois seguir em direção a José León Suárez. Ele caminha onze horas seguidas, com frio e fome até chegar a um lugar seguro.

Livraga, com o septo nasal destruído e a arcada dentária também destruída, foi encontrado por um oficial de polícia que o ajudou a chegar a um hospital. Ainda no campo, Horacio di Chiano não sabe quanto tempo ficou no chão se fingindo de morto, mas só levanta quando o dia amanhece. Põe-se a caminhar pelo povoado e sobe num ônibus.

Como escapou o sargento Díaz, não se sabe. Dois meses depois do massacre, ele estava escondido numa casa em Munro, onde foi preso e mandado para Olmos. Este foi o único sobrevivente com quem Walsh não pôde se comunicar.

Os cadáveres ficaram expostos no campo até às 10 horas da manhã, quando uma ambulância os levou para a policlínica de San Martín. O oficial da polícia que estava com Livraga também o levou para esta policlínica. Ele não perdeu a consciência por um minuto e contou o ocorrido para os médicos e as enfermeiras, que se comovem. Uma liga para que o pai dele venha vê-lo, outra esconde suas roupas, outra oculta o recibo da Unidade Regional de San Martín. Pedro Livraga, pai do ferido, vai à policlínica com dois primos e um cunhado de Juan Carlos, e os quatro assinam uma declaração registrada de que viram o homem com vida, embora ferido com certa gravidade. Um cabo da polícia vai assumir a custódia de Livraga e olha-o como se não conseguisse acreditar que estava vivo. À noite, Livraga é novamente levado pela polícia.

Giunta pega um ônibus, passa a noite na casa dos pais e no outro dia vai trabalhar, pensando que o pesadelo acabou. Quando soube que a polícia foi lhe procurar, pensa em apresentar-se para esclarecer a situação, mas é preso e levado para a seccional de Munro e depois para a Unidade Regional. No dia 17 de junho, é removido para a 1ª Delegacia de San Martín, à beira da demência.

Os sobreviventes

No dia 12 de junho, os jornais publicam um comunicado do governo com a lista oficial dos fuzilados na zona de San Martín. Havia vários erros: sobreviventes que estavam citados, mortos que não estavam e vários nomes escrito errado. Os erros nunca foram corrigidos, mesmo depois de denunciados por Walsh. Porém, no dia 4 de novembro de 1956, os jornais informam que, no dia anterior, Reinaldo Benavidez havia se exilado na Bolívia.

Um irmão de Lizaso, suspeitando de seu fim pelas notícias, perambulou de delegacia em delegacia à procura de notícias concretas. Ele foi até a Unidade Regional de San Martín, onde os policiais disseram que não conheciam seu irmão e o mandaram procurar na Brigada de Investigações. Dali, foi mandado para o Distrito Militar, depois para o Campo de Mayo. Foi ainda à 2ª Delegacia de Florida, depois ao Ministério do Exército: ninguém sabia de nada. Na Casa de Governo, o general Quaranta não quis atendê-lo. Um oficial da Aeronáutica se compadeceu dele e conseguiu que os policiais falassem com ele.

No dia 11 de junho, policiais foram à casa de Vicente Rodríguez buscar a sua carteira de identidade. Sua mulher não sabia o que havia acontecido, recebeu uma intimação para comparecer à Unidade no dia seguinte. O policial que a atendeu contou que seu marido estava morto, levou-a a policlínica de San Martín e disse que o corpo só sairia de lá no caixão. E foi assim que aconteceu. Semelhante coisa aconteceu nas casas de Carranza e Garibotti, um oficial foi procurar o documento de identidade deles. Suas esposas e filhos também não sabiam de nada. O pai de Brión ainda duvidava de sua morte, por mais que tenha visto seu cadáver na policlínica.

Livraga, que é levado da policlínica para a 1ª Delegacia de Moreno, é atirado despido numa cela, sem assistência médica ou alimentação. Don Pedro Livraga apela para a Casa Rosada, que responde sobre o paradeiro do seu filho. Ele se dirige até a delegacia, mas lá os policiais falam sempre a mesma coisa: “nunca esteve aqui”.

Giunta continua preso e sua família sem saber de seu paradeiro. Finalmente descobriram que estava na 1ª Delegacia de San Martín. Livraga também foi removido para Olmos. Seus pais recebem um telegrama da Casa de Governo explicando os horários de visitas. Mal conseguiam reconhecê-lo, com o rosto desfigurado, mas desde que chegou à prisão, recebe assistência médica, tratamento humanizado. Entre os presos, circulava o nome de um jurista platense chamado doutor von Kotsch. Ele era um advogado e cos-

tumava fazer a defesa de presos políticos. Livraga e Giunta foram conversar com ele e contaram suas histórias. Ele assumiu a defesa dos dois e, em vista da falta de processo judicial e de causa que justificassem suas prisões, foram libertados. Walsh diz que a polícia bonaerense tentava capturar outros sobreviventes e recuperar provas, mas até então, não haviam encontrado nada. Sabiam que, mesmo que tivessem eliminado Livraga e Giunta, ainda existiriam testemunhas do massacre.

Walsh descobriu que Gavino havia se asilado na embaixada da Bolívia. Julio Troxler e Reinaldo Benavídez refugiaram-se na mesma embaixada. Juan Carlos Torres também acabou viajando para Bolívia em 1957. Don Horacio passou quatro meses escondido antes de voltar para sua casa em Florida. Livraga e Giunta voltaram a trabalhar. O sargento Díaz passou vários meses preso em Olmos antes de ser libertado.

Assim termina as descrições que Walsh fez dos fuzilamento, com base em testemunhos de sobreviventes e de seus familiares. O saldo de mortes da Operação Massacre não foi nada comparado ao que o país viveu em de mais de dois anos de ditadura da “Revolução Libertadora”.

Faz parte do jornalismo investigativo apresentar um narrador que sabe de todo o crime, que o descreve como se estivesse lá, só utilizando de fontes como testemunhos e outras pesquisas de campo. O jornalista busca as fontes primárias, documentos e provas do caso a ser investigado a partir de uma denúncia. Walsh, fazendo o papel de jornalista investigativo, narra sua história em primeira pessoa, como se fosse testemunha ocular do massacre. Os diálogos são formados como se ele tivesse gravado cada conversa no tempo presente do fuzilamento. Essa narrativa, dessa forma, torna-se mais real, como se estivesse conduzindo o leitor a acreditar que aquele massacre realmente existiu e que todas aquelas pessoas passaram por exatamente aquelas condições descritas com tantos detalhes.

A obra *Operação Massacre*, a primeira de uma das grandes influências por ter despertado o senso político revolucionário de Walsh, se encontra dentro da melhor tradição literária argentina de obras híbridas. Assim como até hoje se discute sobre em qual gênero literário pertence *Facundo* de Sarmiento ou *Martín Fierro* de José Hernández, a mesma coisa acontece com o livro de Walsh, segundo Domínguez. É uma obra que não se pode classificar; não é uma crônica policial, não é um romance negro, não é um panfleto ideológico, não é um roteiro de um filme. A fusão de literatura e jornalismo rompe limites de gênero, gerando algo novo. O trabalho de Walsh foi uma afronta ao que era considerado “imprensa séria”, levando a liberdade de imprensa a li-

mites que faziam sua vida correr perigo ³¹. A investigação de *Operação Massacre* foi o passo de uma inovadora forma de ação política, abrangendo o jornalismo investigativo, denúncia política, a testemunha, a análise, a história e o relato literário.

³¹ DOMÍNGUEZ, Fabián. **El caso Rodolfo Walsh**: un clandestino. El periodismo argentino y su aporte a la identidad nacional, capítulo II, 1999.

Capítulo 2 – Golpe civil-militar de 1955 e o projeto de desperonização da Argentina

Este capítulo dará continuidade à história dos sobreviventes do massacre e à investigação de Walsh sobre a ilegalidade do fuzilamento e apresentará a chamada “Revolução Libertadora”.

A ditadura que derrubou o governo de Perón e se manteve entre 16 de setembro de 1955 até 1º de maio de 1958 não foi conduzida por governantes com ideias homogêneas: a ala militar se dividia entre nacionalista católica e liberal. A primeira, pretendia negociar com o movimento peronista e manter parte das conquistas sociais de Perón. A segunda acreditava num antiperonismo radical, que pretendia extinguir o peronismo da vida política e sindical, abolir as medidas sociais conquistadas por Perón e estabelecer uma economia conservadora. Entre o período de 1955 e 1958, o movimento peronista não obteve sucesso nas suas revoltas. Os militares lutavam contra os peronistas no meio das ruas em uma situação de verdadeira guerra civil. Várias pessoas morreram e desapareceram devido a essa guerra, pessoas que ao menos eram peronistas. As fontes utilizadas permitem entender como a ditadura afetou uma classe trabalhadora que dependia dos programas sociais do governo.

A auto intitulação de “Revolução Libertadora” é um termo incoerente tendo em vista que os militares afirmavam querer tirar o país de um “fascismo” governado por Perón, mas seu governo tirou os direitos da população e reprimiu quem divergia da sua política. Militares, jornalistas e historiadores compartilham nessas fontes seus pontos de vista sobre a política peronista, o que ela representava antes do golpe, durante e depois. O objetivo é compreender a importância da obra de Walsh para a sociedade argentina da década de 50, considerando o cenário político da época e os desdobramentos do golpe civil-militar de 1955, que acirrou a divisão da sociedade argentina entre peronistas e antiperonistas. Conhecer os desdobramentos do golpe nos auxilia a pensar não apenas na importância da obra de Walsh neste contexto de polarização política, mas também como a obra ajudou o autor a formar sua identidade política a partir de então. Será analisado como os principais periódicos da época noticiaram o acontecimento da Revolução Libertadora, o fuzilamento da Operação Massacre e o livro de Rodolfo Walsh.

Inimigos do peronismo

A história política tem tomado uma força inusitada no âmbito acadêmico e despertado o interesse de vários setores interessados em encontrar uma resposta para as recorrentes crises argentinas, principalmente em pesquisas vindas do próprio país.

Segundo o site *El Historiador*³², a “contrarrevolução” (termo utilizado pelo site, que entende o fato como um golpe) de 1955 não foi gestada em 1954. A conspiração já estava sendo formada desde a segunda metade do ano de 1950 e início de 1951, dentro do exército, por Pedro Eugenio Aramburu, Luis Leguizamón Martínez, Benjamín Menéndez, Eduardo Lonardi e José F. Suárez³³.

O *El Historiador* discute uma reportagem da Revista *Primera Plana* de 1973 sobre a “Revolução Libertadora”. Segundo o site, o movimento peronista tinha muitos inimigos internos, mas também muitos do exterior. O principal deles era a Inglaterra, na época, um império em decadência. O peronismo foi um obstáculo às minorias oligárquicas e à burguesia argentina, mas também prejudicou os interesses britânicos.

Em um esquecido artigo jornalístico, de 1957, Juan Perón assinalou que a chamada a “Revolução” trouxe a quarta invasão britânica. Ele escreve:

Diante da incredulidade de próprios e alheios, nacionalizamos, comprando e pagando, os transportes, portos, telefones, elevadores, frigoríficos, serviços de gás e energia, o Banco Central, criamos a frota mercante, que chegou a ser a quarta do mundo, e demos ao país transportes aéreos. Industrializamos a nação facilitando a instalação de indústrias pesadas. Mas também, fabricamos grande quantidade de máquinas e automóveis. Assim alcançamos a independência econômica, impedindo pela terceira vez a invasão britânica (...) Nossa economia justa lhes foi desastrosa. Um exemplo: produtos têxteis e afins importávamos da Inglaterra por um valor de 100 milhões de dólares anuais. Em 1954, essa cifra se reduziu a meio milhão anual. Também caiu nosso mercado comprador de petróleo. A Inglaterra nos vende combustível pelo valor de 350 milhões de dólares por ano. Nosso governo havia assinado *ad referendum* do congresso da nação, um “contrato de localização de serviços” com a Standard Oil da Califórnia. Por isso, a companhia norte-americana se comprometia em explorar parte do nos-

³² O conteúdo deste site é de análises históricas, que busca estimular a reflexão sobre o passado argentino. É principalmente escrito pelo historiador, professor e escritor Felipe Pigna.

³³ 16 DE SEMPTIEMBRE DE 1955 - Golpe autodenominado “Revolução libertadora”. *EL historiador*, Buenos Aires. Disponível em: <http://www.elhistoriador.com.ar/articulos/revolucion_libertadora/revolucion_libertadora.php>. Acesso em: 15 de janeiro de 2016.

so subsolo e extrair o petróleo, que devia ser entregue a YPF para sua comercialização.³⁴

Os ingleses provavelmente fizeram as contas do quanto perderam com a mudança de política do petróleo e decidiram intervir, contando com a marinha argentina como aliada.

Na consolidação moral da frente antiperonista tiveram um papel importante as lojas maçônicas, a Igreja e outros grupos da burguesia antinacional. De acordo com *El Historiador*, o grupo Bemberg, que na época ainda era dono da maior parte da cervejaria Quilmes, se tornou o inimigo mais forte de Perón e do peronismo. Os acionistas franceses da cervejaria não ficaram quietos e fizeram propaganda contra a Argentina no exterior. O grupo *Gainza Paz*, também antiperonista, se juntou ao grupo Bemberg, quando o movimento expropriou o jornal *La Prensa* e lastimou a oligarquia em dois de seus pontos mais sensíveis: o bolso e o orgulho de classe.

Segundo Reichel³⁵, que analisa a imprensa via Perón na época do seu governo, as notícias indicavam que a economia atrasada do país expunha que a autonomia ideológica que Perón desejava era impraticável. No campo político, Perón suportou enquanto pôde as manifestações da oposição que cresciam com a crise econômica, antes de partir para o exílio. O período de esperanças do primeiro mandato do presidente deu lugar a uma realidade que, segundo a autora, decepcionou alguns latino-americanos da época. O enfraquecimento do governo somou-se a agitações sociais que marcaram o ano de 1955. Provavelmente Walsh se encaixava nessa população decepcionada com o governo.

De acordo com Maria Helena Capelato³⁶, os organizadores das propagandas peronistas eram atentos observadores da propaganda nazifascista, e procuravam adotar métodos de controle dos meios de comunicação usados na Alemanha e na Itália, adaptando-os à realidade argentina. O campo da imprensa periódica e do rádio foram meios de propaganda muito intensa do peronismo. Perón fez um grande esforço para eliminar

³⁴ 16 DE SEMPTIEMBRE DE 1955 - Golpe autodenominado "Revolução libertadora". *EL historiador*, Buenos Aires. Disponível em: <http://www.elhistoriador.com.ar/articulos/revolucion_libertadora/revolucion_libertadora.php>. Acesso em: 15 de janeiro de 2016.

³⁵ REICHEL, Heloisa Jochims. Sob os olhos da águia: imagens da Argentina peronista na imprensa brasileira dos primeiros anos da Guerra Fria (1946-1955). *Revista Eletrônica da Anphlac*, n.7, pp. 57-82, 2008.

³⁶ CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em cena*. Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas, SP: Papirus, 1998, p.71.

as vozes discordantes. Os proprietários dos meios de comunicação que resistissem, ficavam sujeitos a todo tipo de interferência, como práticas de sabotagem, processos de desacato à autoridade, suspensão de direitos, cortes de subsídios.

Enquanto o presidente Perón e sua esposa Evita colocavam seus nomes em hospitais, praças, ferrovias por todo o país e faziam propaganda intensa no rádio, a Igreja não se deixou peronizar e se tornou uma forte oposição ³⁷. Ela passou de apoiadora à opositora mais extrema. Segundo Azevedo ³⁸, em 1954, a Igreja propiciou a criação do Partido Democrata Cristão e Perón considerou isso uma ofensa grave, já que ele entendia que seu partido já representava a Instituição. Mas esta não gostava no discurso laico do presidente e ele se incomodava com a intromissão dela na política. Azevedo explica que as coisas começaram a dar errado depois de 1952, ano em que Evita faleceu e que uma grande crise econômica perturbou o país. De acordo com ele, os empresários começaram a questionar a falta de compromisso do governo no controle dos trabalhadores, a Igreja se afastou e os militares se sentiam isolados. Esses grupos descontentes cresceram e, em 1955, tomaram o poder por um golpe liderado pelo Exército ³⁹.

De acordo com Silvio Frondizi ⁴⁰, intelectual marxista argentino e irmão do antigo presidente Arturo Frondizi, a característica fundamental do peronismo consistiu na pretensão de desenvolver e canalizar a pressão do proletariado em benefício do grupo dirigente e depois das classes exploradoras. Por isso o autor qualifica o peronismo como “bonapartismo”, ou seja, uma forma especial de ordenamento político em um momento em que a tensão social ainda não torna necessária o uso da violência e que o controle do aparato estatal tende a conciliar as classes antagônicas por meio de um governo que parece estar lado a lado com todas as classes, mas na verdade está beneficiando a burguesia.

Durante a “Revolução Libertadora”, políticos e intelectuais argentinos se encontravam em um ambiente de debate e discussões que ocorriam no interior de organizações partidárias, provocando dissidências e formações de novos grupos políticos. O an-

³⁷ GONÇALVES, D.L.; GONÇALVES, K.F. Propaganda do regime Peronista: O uso dos meios de comunicação para a divulgação do governo de Juan Domingo Perón (1946-1955). *Revista de artes e humanidades*, n.5, nov-abr/2010, UFABC, p. 48.

³⁸ AZEVEDO, Ronald Raminelli. *História das Américas: novas perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 230.

³⁹ Idem.

⁴⁰ FRONDISI, Silvio. Tese da esquerda revolucionária na Argentina. In: LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina*. Uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999, p. 232.

tropólogo Federico Neiburg, em seu livro "Os Intelectuais e a Invenção do Peronismo", cita três livros de literatura peronista que esclarecem algumas das dimensões de diferentes opiniões sobre o peronismo feitas por participantes de debates após a ditadura ⁴¹.

O primeiro livro apresentado por ele é *Ayer, Hoy y Mañana* de Mario Amadeo, publicado em abril de 1956. Amadeo apoiou o golpe de Estado em 1943, mas rompeu com o governo militar quando este assumiu uma posição favorável aos aliados na Segunda Guerra Mundial, e no momento em que a facção militar, encabeçada por Perón, adquiriu êxito. No golpe de 1955, foi nomeado ministro das Relações Exteriores, mas renunciou com a deposição do general Lonardi em novembro. Dirigiu a revista *Azul y Blanco*, que em sua primeira fase expressou a política liberal do governo ⁴². Dividiu seu livro em três partes: "Ayer" contava seu primeiro contato com Perón e seu rompimento com o peronismo; "Hoy" explicava a questão da peronização, que considerava muito grave (ele defendia a alternativa de Lonardi); "Mañana" propunha uma proposta de um programa político. A opinião de Amadeo é que ninguém conseguia entender a complexidade do peronismo e ele não aceitava que sua política fosse vista exclusivamente como inferior. Ele também cita o erro profundo da perda de contato dos dirigentes com o povo.

Dentro desse contexto, penso que Walsh, antes da investigação dos fuzilamentos, poderia ter a mesma opinião política que Amadeo, ou seja, se colocaria como anti-peronista não radical. O autor de *Operação Massacre* acreditava, em 1955, que a "Revolução Libertadora" estava derrubando um sistema que negava o direito de expressão, que privava os cidadãos de liberdade. Talvez o termo "Revolução Libertadora" trouxe uma esperança de "volta" dessa liberdade que o escritor pensava ter perdido.

O segundo livro é *Las Izquierdas en el Proceso Político Argentino* de Carlos Strasser, publicado em 1959. O objetivo de Strasser, segundo Neiburg, era recortar o espaço da esquerda dentro do campo político. O livro começa como uma reportagem com várias perguntas, como "o que é esquerda?", que foram aplicadas a dezenas de pessoas que faziam parte da esquerda no pós-peronismo. Strasser criava um campo de polêmica na construção de diferentes opiniões sobre o peronismo: "o peronismo pode ser considerado de esquerda?", "Era fascismo?", "Era bonapartismo?", "Teria sido corre-

⁴¹ NEIBURG, Federico. **Os Intelectuais e a Invenção do Peronismo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

⁴² *Ibid.*, p. 26.

ta a oposição das esquerdas a Perón?”, “Que saldo positivo o peronismo deixou?”, “Os aspectos negativos foram mais numerosos?”. Questões que eu, como historiadora, me perguntei durante toda a pesquisa deste capítulo, e que ainda não cheguei a uma conclusão.

O terceiro livro é *La Naturaleza del Peronismo* de Carlos Fayt, publicado em 1967, num clima político diferente das outras duas publicações. Ele tem origem no campo universitário, na área da faculdade de Direito. Seu objetivo era reunir material para entender o que e por que do peronismo. Na primeira parte da obra, apresenta várias conclusões divergentes de discussões com várias pessoas no ambiente acadêmico. Na segunda parte da obra, Fayt apresenta alguns autores, interpretações e debates sobre o peronismo. Na última parte, descreve o resultado de cinco mesas redondas promovidas pela Faculdade de Direito da UBA, para a qual foram convidados vinte especialistas para discutir diversos aspectos do peronismo. De acordo com Neiburg, o autor chama atenção para uma descontinuidade em relação às percepções dos textos de Amadeo e Strasser. Ele mostra que o peronismo não deve mais ser pensado como um problema exclusivamente político, mas também acadêmico.

Durante o período entre 1953 e 1955, o governo peronista não se decide em adotar nenhum caminho definido. Navegando sem rumo certo, ensaiava políticas próprias de cada uma das alternativas possíveis, respondendo a várias pressões de diferentes linhas da frente peronista. Essa ausência de definição favoreceu a situação para um golpe, segundo Galasso ⁴³. Mas Perón ainda não queria desistir, ele respondia aos ataques contando com o apoio da população peronista. Mesmo depois do ataque aéreo à Casa do Governo em meados de 1955, lançando bombas sobre a *Plaza de Mayo* – matando mais de 300 pessoas e deixando o dobro de feridos – tentando fazer com que Perón renunciasse, ele deixa muito claro sua posição frente aos opositores: “Por cada um dos nossos, cinco deles cairão” ⁴⁴. Mas não durou muito.

⁴³ NEIBURG, op. cit., p. 20.

⁴⁴ REVOLUCIÓN Libertadora y resistencia peronista. Direção: Gonzalo T. Sierra. Documentário. Argentina. (29 min), son., color. Disponível em: <<http://tal.tv/video/revolucion-libertadora-y-resistencia-peronista/>>. Acesso em: 30 de maio de 2015. Esta fala de Perón foi gravada e pode ser ouvida no documentário, assim como imagens reais da época.

O golpe

Na manhã do dia 20 de setembro de 1955, Perón solicitou asilo à embaixada paraguaia. Três dias depois, o general Eduardo Lonardi assumiu a presidência e iniciou a “Revolução Libertadora”. Em seu discurso, transcrito por Galasso, diz: “saibam os irmãos trabalhadores que comprometemos nossa honra de soldados na solene promessa de que jamais consentiremos que seus direitos sejam tirados de vocês” e que “a revolução não se faz em proveito de partidos, classes ou tendências, se não para reestabelecer o império de direito” ⁴⁵. O historiador cita Ernesto Sábato dizendo que enquanto ele festejava a queda de Perón com seus amigos doutores e escritores, as empregadas que trabalhavam ali se encontravam com os olhos cheios de lágrimas.

De acordo com Galasso, nos primeiros dias após o golpe, houve repressão aos trabalhadores que manifestavam seu descontentamento. Na cidade de Rosario, havia um clima de guerra civil, circulavam comentários de que militares haviam assassinado trabalhadores. Com maior controle da ordem, o presidente Lonardi se preocupava em acabar com a violência e tentar abrir uma política de conciliação com os peronistas. No dia 25 de setembro, ele concede uma audiência com os dirigentes da CGT (Confederación General del Trabajo). Quando os dirigentes estavam esperando o presidente na antessala, o marinheiro contralmirante Arturo Rial passou por ali e disse “saibam que a Revolução Libertadora foi feita para que neste país o filho do varredor morra varredor” ⁴⁶. Isso mostra claramente as divergências ideológicas dos grupos antiperonistas: o nacionalismo católico de Lonardi e o liberalismo conservador dos marinheiros.

A Revolução de Valle

Entre os presos no vapor-prisão Washington, onde ficavam militares peronistas, se encontravam os generais Valle e Tanco que começaram a gestar ali um movimento – mais tarde chamado de revolução de Valle pelos peronistas – que exigiria o fim da perseguição ao peronismo, a restituição da constituição de 1949 e a liberdade dos presos políticos. Norberto Galasso conta que Aramburu e Rojas, já no segundo governo da “Revolução Libertadora”, tinham informação da conspiração da noite de 8 de junho de

⁴⁵ GALASSO, Norberto. *La Revolución Libertadora*. Centro Cultural “Enrique S. Discépolo”, Buenos Aires, 2004, p. 2.

⁴⁶ GAZZERA, 1970 apud GALASSO, op. cit., p. 64.

1956 onde foram detidos centenas de dirigente gremistas com o intuito de diminuir base social ao movimento.

Valle e Tanco, que estavam na clandestinidade, decidiram lançar o motim. O sinal se daria na leitura da proclamação revolucionária às 23 horas do dia 9 de junho de 1956. A esta hora começava a tradicional noite de boxe no Luna Park, e as instruções eram para escutar o relato da luta. Essa mesma luta estavam escutando na casa de Horacio di Chiano os homens que sofreram fuzilamento em *Operação Massacre*.

O grupo de Valle para essa tarefa era comandado pelo coronel José Irigoyen, acompanhado pelo capitão Costales e outro civis. Mas a proclamação revolucionária que deveria ser transmitida na rádio nunca foi escutada, porque meia hora antes os encarregados da transmissão em Buenos Aires foram presos. Só em La Pampa que o comando encarregado conseguiu executar a missão. Às 22h30, um comando do governo prendeu todos. Nos lugares em que a revolta conseguiu acontecer, foi mal organizada e rapidamente sufocada. Todas as prisões ocorreram entre às 22h e a meia noite do dia 9 de junho. O governo estabeleceu à 00h32 do dia 10 de junho a Lei Marcial. Poucas horas depois, foi anunciado o decreto que ordenava fuzilar quem violasse a Lei Marcial ⁴⁷. Em menos de 48 horas depois, cerca de 30 civis e militares foram fuzilados. A fim de evitar mais mortes, o general Valle se entregou às autoridades nacionais e na mesma tarde é condenado à morte. Assim, o governo provisório mostrou, a partir da sangrenta forma com que sufocou o movimento, a energia com que era capaz de reprimir o peronismo e o marco político que realizou quando anunciou os decretos 10.362 impondo a Lei Marcial e deixou também escritos os decretos 10.363/56 de pena de morte, e o 10.364/56 que incluía a seleção de pessoas que seriam fuziladas naquela noite – rompendo com uma tradição argentina que estava sendo remontada nos finais da etapa de uma organização nacional ⁴⁸.

Nesta tentativa de contrarrevolução, os sobreviventes de *Operação Massacre* foram presos e fuzilados, a maioria sem saber o motivo. Walsh quis afastar esse fuzilamento dos outros, porque em sua maioria foram mortos militares, e segundo ele, isso a

⁴⁷ GAZZERA, 1970 apud GALASSO, op. cit., p. 64.

⁴⁸ SPINELLI, María Estela. La desperonización. Una estrategia política de amplio alcance (1955-1958). *Revista de História*. Disponível em: <<http://historiapolitica.com/datos/biblioteca/Spinelli1.pdf>>. Acesso em: 30 de maio de 2015. p. 18.

“Revolução Libertadora não podia responder nem mesmo com sofismas”⁴⁹. O escritor deixou claro que não quis aprofundar no movimento de Valle, mas é fundamental entender por que aconteceu esse motim e o que deu errado, já que sem ele a Operação Massacre não teria existido.

Valle e Aramburu, o então presidente, foram muito amigos. Segundo Seoane⁵⁰, eles ingressaram juntos no *Colegio Militar de la Nación* e ali se conheceram, eram companheiros até suas graduações de subtenentes. Chegaram a compartilhar com seus familiares grandes verões no *Mar del Plata*. Mas os dois tomaram caminhos diferentes: Valle foi um peronista em 1945, Aramburu manteve seu alinhamento liberal conservador que sempre marcou o Exército argentino. A esposa de Valle implorou clemência na noite de 12 de junho de 1956, no fuzilamento de seu marido, para seu velho amigo. A resposta que obteve foi “*el presidente duerme*”⁵¹. Catorze anos depois, em 1970, uma organização dos *montoneros* sequestrou Aramburu e o executou por todos os seus feitos em junho de 1956. O comando que o sequestrou se chamava “Juan José Valle”⁵².

Nacionalismo católico x liberalismo conservador

Nos setores das Forças Armadas que integravam o governo ditatorial, duas linhas políticas distintas se mostram muito claras: por um lado, o grupo liderado pelo presidente Lonardi, formado por militares vindos do nacionalismo católico, e por outro, representada pelo vice presidente Isaac Rojas, a “linha dura” liberal. O antiperonismo católico e o liberal concordavam em um projeto econômico para dismantelar o intervencionismo estatal, mas discordavam no projeto político: enquanto os primeiros achavam que precisavam conviver com o peronismo, procurando uma conciliação, os liberais queriam o extermínio dessa política, afirmando que ela “desviou o país de sua tradi-

⁴⁹ WALSH, op. cit., p. 191.

⁵⁰ SEOANE, María. *Ultimos secretos de los fusilamientos de 1956*. Disponível em: <<http://edant.clarin.com/suplementos/zona/2006/06/04/z-01208312.htm>>. Acesso em: 30 de maio de 2015.

⁵¹ Idem.

⁵² NOTAS: periodismo popular. *OPERACIÓN masacre: los fusilamientos de junio de 1956*. Buenos Aires, jun/2014. Disponível em: <<http://notas.org.ar/2014/06/09/operacion-masacre-los-fusilamientos-de-junio-de-1956>>. Acesso em: 12 de setembro de 2015.

cional linha histórica e instalou uma tirania do tipo fascista sustentada pela manipulação e engano do movimento operário”⁵³.

Galasso entende que todos os partidos políticos, desde os conservadores até os comunistas, apoiavam a “Revolução Libertadora”. Os estudantes universitários também participaram do triunfo da oligarquia, comemoraram a queda do peronismo. Walsh também acreditou na política libertadora até 1956.

De acordo com o texto de Felipe Pigna para o jornal Clarín⁵⁴, os “libertadores”, como se auto intitulavam, queriam acabar com aquelas práticas antidemocráticas do peronismo, como a repressão, censura e falta de liberdade da oposição. Mas não parecia um bom exemplo antecedente democrático aquele criminal aéreo à *Plaza de Mayo*, citado anteriormente.

É preciso entender as perspectivas das novas problematizações sobre esse tema, como uma forma de compreender melhor o que se passou na história política. Spinelli⁵⁵ analisou o período da “Revolução Libertadora”, onde explicou o clima cultural e político posterior ao golpe, fazendo sua contribuição para que se entenda a história argentina do século XX e “onde o enfrentamento entre peronistas move a vida política nacional”. Ela se propõe a explorar os dois governos que formaram a Revolução Libertadora, com enfoque na heterogênea aliança antiperonista que prestou apoio ao golpe e formou os quadros dirigentes que fizeram parte dos governos militares desde setembro de 1955 até as eleições de fevereiro de 1958.

De acordo com Spinelli, as forças opositoras ao governo de Perón eram minoria nas eleições de 1946, mas o golpe militar obteve êxito em 1955 porque essas forças formaram uma unidade conjuntural previamente organizada. Essa organização da oposição era formada por pessoas com ideologias e políticas heterogêneas. Entre elas faziam parte os católicos, dirigentes partidários da oposição e membros da Marinha e do Exército. Quando o levantamento militar se saiu vitorioso em setembro de 1955, uma multidão de antiperonistas ocupou as ruas, antes ocupadas pelos operários e classe popular.

⁵³ REVOLUCIÓN Libertadora y resistencia peronista. Direção: Gonzalo T. Sierra. Documentário. Argentina. (29 min), son., color. Disponível em: <<http://tal.tv/video/revolucion-libertadora-y-resistencia-peronista/>>. Acesso em: 30 de maio de 2015.

⁵⁴ PIGNA, Felipe. ¿Ni vencedores ni vencidos? Disponível em: <<http://edant.clarin.com/suplementos/zona/2007/09/16/z-03601.htm>>. Acesso em: 30 de maio de 2015.

⁵⁵ SPINELLI, María Estela. El debate sobre el orden político durante los primeros gobiernos antiperonistas, 1955-1958. *Anuario IEHS: Instituto de Estudios histórico sociales*, n. 16, p. 13-37, 2001.

As linhas antiperonistas tinham em comum os valores vinculados à tradição republicana e a rejeição ao populismo peronista. Mas como as medidas para solucionar esse problema e as alternativas para a construção de um novo governo eram diferentes, já se pode entender que isso rompe com a visão de um projeto unificado da Revolução Libertadora.

Spinelli questiona o valor da democracia e sua concepção forjadas pelos militares em 1955. Os políticos antiperonistas não pareciam perceber como contraditória era a necessidade de fundar um regime democrático e excluir o peronismo, derrubando um governo eleito pelo voto popular. A autora discorda com a visão dos militares de que o peronismo era um regime totalitário nazifascista. Mas esta identificação do peronismo era compartilhada por toda a linha antiperonista, mesmo a nacional católica.

A autora explora principalmente os testes do governo provisório a partir do golpe. Os dois maiores problemas que a união antiperonista enfrentava eram eliminar o peronismo da vida política e planejar uma nova ordem que assegurava a democracia. A ala radical lançou um projeto para desperonizar institucional e culturalmente, erradicar a identidade peronista e reformar o sistema político por meio de uma reforma constitucional e de uma implantação do sistema eleitoral de representação proporcional. Um processo semelhante ao que aconteceu com a depuração na França pós guerra e a “desfascização” na Itália ⁵⁶. A ideia era “por limites ao presidencialismo e construir as bases de uma democracia pluralista onde as minorias tivessem representação” ⁵⁷.

O plano de Lonardi e de seu setor era resgatar a estrutura política peronista e sua base social fundando um “peronismo sem Perón”, tentando fazer negociações com o peronismo, principalmente com a CGT. Mas alguns antiperonistas – chamados popularmente de “gorilas” – achavam que essa política deslegitimava a “Revolução Libertadora”, já que o propósito desta era justamente derrubar o peronismo ⁵⁸. A atitude conciliadora do presidente foi rapidamente atacada pelos setores liberais que denunciaram a política pacificadora do presidente como uma tentativa de voltar ao regime paternalista

⁵⁶ SPINELLI, María Estela. La desperonización. Una estrategia política de amplio alcance (1955-1958). **Revista de Historia**. Disponível em: <<http://historiapolitica.com/datos/biblioteca/Spinelli1.pdf>>. Acesso em 30 de maio de 2015. p. 14.

⁵⁷ SPINELLI, María Estela. El proyecto desarrollista como intento de superación del conflicto peronismo-antiperonismo (1955-1958): crecimiento y endeudamiento. **Revista de Historia**. Disponível em: <<http://historiapolitica.com/datos/biblioteca/Spinelli2.pdf>>. Acesso em 30 de maio de 2015, p. 5.

⁵⁸ SPINELLI, María Estela. La desperonización. Una estrategia política de amplio alcance (1955-1958). **Revista de Historia**. p. 13.

de Perón. Lonardi foi substituído pelo general Pedro Eugenio Aramburu, representante do setor liberal do Exército, no dia 13 de novembro de 1955, iniciando o governo antiperonista mais radicalizado da “Revolução”. Rojas conservou seu cargo de vice presidente. O afastamento de Lonardi do poder executivo acarretou na perda de apoio do governo pela parte nacionalista. O governo de Aramburu tentava desmontar o “aparato totalitário” peronista através de uma ação pedagógica das massas populares e assim “restaurar a tradição democrática republicana”⁵⁹. O presidente não entendia que essa política era repressora e não respeitava a democracia.

No governo de Aramburu o prédio da CGT foi assaltado, onde foi sequestrado o cadáver de Eva Perón. Começou uma persistente perseguição a militantes ou simples simpatizantes do peronismo que incluiu o encarceramento de mais de 4 mil pessoas, a tortura sistemática e o fuzilamento de 33 civis e militares em junho de 1956, segundo Pignia. Houve a proscrição de dirigentes sindicais peronistas; a intervenção da CGT; se declararam nulas e dissolvidas as comissões internas; houve a nomeação de interventores militares em numerosos sindicatos; a lei de associações profissionais foi derogada; repressão e intimidação do sindicalismo, com a prisão de centenas de dirigentes sindicais; sanção do decreto 7107 de abril de 1956, que excluía qualquer atividade a todos os que desempenharam a condução do CGT; designação de delegados de fábrica por parte do Ministério do Trabalho; ofensiva contra as condições de produção e trabalho, exigindo aumento de produção; Perón no exílio; proibição de citar o nome de Perón ou de Evita ou do peronismo; anulação da constituição de 1949; prisão de muitos militares peronistas no navio vapor-prisão Washington, ancorado nas águas do porto de Buenos Aires⁶⁰. Muitas conquistas adquiridas com muitos anos de luta começaram a se diluir. A ideia dos “libertadores” de “desperonização” também significava extinguir as conquistas do peronismo prejudicando principalmente a população operária, deteriorando as condições de trabalho.

A política “libertadora” prejudicou a classe operária. Como sendo maioria peronista, foi alvo de perseguições em bairros e centros operários. Uma grande segregação e ódio de classe foi formada. Imensas fogueiras eram feitas nos domicílios e policlínicas da Fundação Eva Perón pelos libertadores, onde foram queimados milhares de livros,

⁵⁹ SPINELLI, María Estela. El debate sobre el orden político durante los primeros gobiernos antiperonistas, 1955-1958. *Anuario IEHS: Instituto de Estudios histórico sociales*, n. 16, p. 13-37, 2001, p. 17.

⁶⁰ 10 de junio de 1956. Fusilamientos de José León Suárez. Dirección de Documentación y Producción de Contenidos, 2014.

cobertores, lençóis, tudo o que levava o selo da instituição, considerado como material peronista. O decreto 4161 realizado no dia 5 de março de 1956 pretendeu proibir o peronismo em todas as suas formas. O resultado disso foi o aumento do orgulho peronista nos militantes da resistência ⁶¹, como o grupo de Valle, que chegou mais perto de derrubar a Revolução.

Saída democrática com as eleições de 1958

Spinelli, então, analisa os momentos finais do governo de Aramburu e tenta responder por que a Revolução fracassou. Para ela, os constantes conflitos dentro da frente antiperonista, onde se encontravam radicais e tolerantes, debilitou o governo, que não conseguia entrar em um acordo que agradasse a todos.

Aramburu, pretendendo propiciar uma saída democrática, convocou as eleições para uma Convenção Nacional Constituinte. Estas eleições atuaram como um ensaio para os partidos políticos não peronistas que mostraram ainda mais tensões entre si. A parte radical foi dividida em dois partidos: União Cívica Radical Intransigente, liderada por Arturo Frondizi, mais propensa a negociações com o peronismo, e a União Cívica Radical do Povo, marcadamente antiperonista e mais próxima às posições do governo militar que sustenta o caudilho Ricardo Balbín ⁶².

Finalmente a Convenção Constituinte anulou todas as modificações feitas pelo peronismo. Uma vez derrubada a Constituição peronista, o governo da “Revolução Libertadora” convocou eleições presidenciais para fevereiro de 1958. O peronismo foi impossibilitado de lançar candidaturas. Arturo Frondizi, então, candidato pela UCRI e principal opositor de Balbín, lançou uma hábil estratégia eleitoral. Pouco antes das eleições, seu principal colaborador Rogelio Frigerio viajou à Venezuela para se reunir com John William Cooke, delegado pessoal de Perón. Seu objetivo era negociar um pacto eleitoral que permitia a Frondizi ganhar as eleições sob a promessa de levantar a proscrição do peronismo. Perón, do seu exílio, aconselhou seus seguidores a votar em Frondizi, temendo que sua não participação na política fizesse com que seu nome desapare-

⁶¹ PIGNA, Felipe. **¿Ni vencedores ni vencidos?** Disponível em:

<<http://edant.clarin.com/suplementos/zona/2007/09/16/z-03601.htm>>. Acesso em: 30 de maio de 2015.

⁶² REVOLUCIÓN Libertadora y resistencia peronista. Direção: Gonzalo T. Sierra. Documentário. Argentina. (29 min), son., color. Disponível em: <<http://tal.tv/video/revolucion-libertadora-y-resistencia-peronista/>>. Acesso em: 30 de maio de 2015.

cesse da História. Em fevereiro de 1958, Arturo Frondizi ganhou com 45% dos votos contra 29% da União Cívica Radical do Povo ⁶³, provando que a figura de Perón tinha tanto peso como em seus anos de governo e que a política “libertadora”, aquela que fuzilou dezenas de peronistas e não-peronistas, tinha fracassado completamente. No ano seguinte a essas eleições, Walsh viajaria a Cuba e começaria a formar uma consciência política que marcaria sua vida e morte.

O processo de Livraga

Continuando com a situação dos sobreviventes do fuzilamento de José León Suárez, Walsh relata como os “fantasmas” da Operação Massacre voltam para assombrar os assassinos. Às seis da manhã do dia 10 de junho, o delegado-inspetor Rodríguez Moreno teve de informar a Fernández Suárez, Chefe de Polícia, que a ordem de fuzilamento da Operação Massacre foi cumprida, mas que apenas cinco homens foram mortos. A primeira atitude foi dispersar os executores: mandou Rodríguez Moreno e Cuello para a Unidade Regional de La Plata.

Walsh investigou cada detalhe do pronunciamento do Chefe de Polícia se explicando para jornalistas porque se encontrava fora da chefatura naquela noite. Ele diz que havia viajado até Moreno, onde a explosão de uma bomba permitiu encontrar a localidade de 31 bombas-relógio, na chácara de um peronista. Depois disso, ficou sabendo que em uma casa de Vicente López estava sendo realizada uma reunião clandestina na qual o general Tanco estava presente. Eles detiveram catorze pessoas, mas Tanco não foi encontrado. Ele disse “sendo 23 horas e me encontrando naquela casa”, e depois foi comunicado da sublevação na Escola de Mecânica, ou seja, ele estava afirmando que uma hora antes de ser promulgada a lei marcial, ele prendia aqueles homens. Mas durante quatro meses, ninguém iria questioná-lo sobre isso.

No início de outubro de 1956, o Serviço de Informações Nacional (SIN) avisa o Chefe de Polícia que um de seus próprios homens o havia denunciado, o doutor Jorge Doglia, chefe da Divisão Judicial de polícia. Em agosto ou setembro ele conheceu Livraga, depois levou a acusação para o SIN. Doglia reiterou a denúncia para a Secretaria de Interior da província, que se referiu à prática de tortura e ao fuzilamento ilegal de

⁶³ REVOLUCIÓN Libertadora y resistencia peronista. Direção: Gonzalo T. Sierra. Documentário. Argentina. (29 min), son., color.

Livraga. Mais tarde também recorre ao Eduardo Schaposnik, representante socialista na Junta Consultiva ⁶⁴, que, no início de dezembro, refez as acusações. No dia 14 de dezembro, o próprio Livraga se apresenta à Justiça para mover um processo por tentativa de homicídio e dano.

O Chefe de Polícia acidentalmente acabou entregando alguns fatos que o incriminavam, segundo Walsh. Ele disse que na noite de 9 de junho de 1956, recebeu a ordem de dar busca em uma casa onde se encontrava o general Tanco e os chefes do grupo que *iria* atacar a Escola de Mecânica ⁶⁵. Ou seja, eles não haviam participado. Ele também afirmou que aquelas pessoas não estavam armadas. O Chefe de Polícia também não encontrou testemunhas que tenham visto o general Tanco na casa, e nem poderia provar que aqueles homens estavam armados, como admite em seu depoimento. Eram apenas acusações. Portanto, com base na própria confissão do Chefe de Polícia, ficou evidentemente provado que: no dia 9 de junho de 1956, ele prendeu pessoalmente um grupo de homens, inclusive Livraga; a prisão ocorreu às 23 horas, ou seja, uma hora e meia antes da promulgação da lei marcial; os homens não haviam participado do motim; eles não opuseram resistência; eles foram fuzilados por ordem do Poder Executivo.

Fernández Suárez se defendeu das acusações de que Livraga havia sido fuzilado. Ele disse não saber onde o homem atuou aquela noite, tentando livrar-se da acusação de que a polícia o feriu. Essa versão do Chefe de Polícia levou a crer que Livraga não foi fuzilado, mas contra esse depoimento há evidências circunstanciais: cicatrizes de Livraga, recibo da U.R. San Martín, a declaração dos médicos e enfermeiras da policlínica e também testemunhos dos outros sobreviventes.

Segundo Walsh, todos os fatos contados no seu livro, construído por meio de entrevistas e relatos dos sobreviventes, familiares e outras testemunhas, foram negados ou distorcidos pelo governo da “Revolução Libertadora”. O telegrama enviado ao pai de Livraga no dia 12 de junho de 1956 pelo chefe da Casa Militar, afirmava que Juan Carlos foi “ferido em tiroteio” ⁶⁶. A Secretaria de Interior da província forjou um dossiê dizendo que Livraga havia fugido antes de ser executado e que as lesões que apresentava em seu corpo eram evidências de sua participação no movimento revolucionário.

⁶⁴ Junta Consultiva foi um organismo de poderes legislativos criado pela Revolução Libertadora em 1955 após o fechamento do Congresso Nacional.

⁶⁵ WALSH, op. cit., p. 152.

⁶⁶ Ibid., p. 155.

Walsh reuniu uma prova para acusar Fernández Suárez de assassinato durante seus vários meses de investigação. Mas havia algo que faltava nessa prova: era o processo instruído pelo juiz Belisario Hueyo em La Plata. A cópia desse processo o escritor só conseguiu depois da publicação da primeira edição do livro, em 1957. Comparando as duas investigações, a que o próprio Walsh fez e a que o juiz fez, pode-se perceber que elas se completam. É com esse processo que o escritor invoca como prova na segunda edição de *Operação Massacre*, em 1964.

O processo Livraga se iniciou em 14 de dezembro de 1956 com a denúncia ao juiz doutor Viglione, que depois remeteu o caso ao doutor Hueyo. No dia 24 de dezembro, o juiz determinou algumas providências: indagou ao chefe da Casa Militar como foi redigido o telegrama endereçado ao pai de Livraga; expediu ofício ao chefe de Polícia para informar se Livraga esteve preso na U.R. San Martín, em Moreno e em Olmos; solicitou as mesmas informações ao chefe da U.R. San Martín, ao delegado de Moreno e ao diretor de Olmos; indagou à policlínica de San Martín sobre o atendimento de Livraga⁶⁷. Segundo o chefe da U.R. San Martín e o delegado de Moreno, não existiam registros informando que Livraga havia passado por lá. Eles não estavam mentindo, realmente não haviam dado entrada no preso com toda a formalidade, tudo estava se passando na clandestinidade. O doutor Marcelo Méndez Casariego, da policlínica, respondeu que Livraga foi levado ao plantão da policlínica no dia 10 de junho daquele ano, às 7h45, e foi retirado pela polícia de San Martín às 21 horas.

Respondendo em nome de Aramburu, o coronel Victor Arribau, secretário-geral da presidência, mandou o telegrama em 29 de junho de 1956 ao pai de Livraga escrito “A investigação se inicia em caráter de urgência”⁶⁸. O juiz Hueyo ordenou a expedição da carta precatória ao coronel Arribau informando o resultado da investigação do telegrama e, se possível, remetendo ao sumário “*ad effectum vivendi*”. A resposta nunca chegou.

O coronel Aniceto Casco, diretor-geral de estabelecimentos penais, deu sua confirmação de que Livraga havia ingressado na Unidade I de Olmos no dia 3 de junho de 1956. O delegado Ovidio R. De Bellis, sucessor de Rodríguez Moreno na U.R. Martín, declarou não saber sobre o acontecido, pois não se encontrava na delegacia naquela data

⁶⁷ WALSH, Rodolfo. *Operação Massacre*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 157-158.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 158.

e que nos livros não constava a detenção de Livraga. Quando o juiz lhe mostrou o recibo, o delegado respondeu que aquele não era normalmente utilizado como recibo de pertences de presos e que não podia afirmar de quem eram as assinaturas que subscreviam. Questionado sobre o fuzilamento, disse que Rodríguez Moreno estaria em melhor condições de responder.

Giunta finalmente decidiu falar. Ele contou sobre em que circunstâncias o levaram à casa de di Chiano, a invasão do domicílio; descreveu Fernández Suárez, as pancadas que levou, o subdelegado que supervisionava os interrogatórios; identificou Rodríguez Moreno; lembrou-se dos companheiros don Horacio, Vicente Rodríguez, Livraga e Brión; relatou toda a viagem até o lixão onde aconteceu o fuzilamento, sua fuga em meio aos tiros e como tornaram a prendê-lo; descreveu também a delegacia de Munro, a Unidade Regional e a 1ª Delegacia de San Martín e a cela onde o prenderam.

O novo delegado de Moreno, Francisco Ferrairone compareceu em juízo e disse que não havia registros nos livros que constam a prisão de Livraga, mas que procurou saber entre o pessoal da repartição se tudo o que se passava na delegacia era registrado e constou que isso não procedia. Foi informado de que Livraga de fato esteve detido, mas sua entrada ou saída não foram registradas. Porém, o depoimento de um oficial e de um subinspetor de Moreno garantiam que o médico da policlínica visitava o preso diariamente, dando a entender que Livraga foi muito bem atendido em Moreno. Isso entrava em choque com o depoimento do preso, que dizia ter sido deixado seminu na cela e que seus curativos foram apodrecendo com o tempo.

O delegado-inspetor, Rodolfo Rodríguez Moreno, apareceu para dar um depoimento praticamente encerrando o caso. Ele contou exatamente como aconteceu o fuzilamento, que Livraga e Giunta foram presos de novo, que não foram registrados, que o recibo que Livraga tinha guardado (dos seus pertences) poderia ser verdadeiro e, principalmente, que aquelas pessoas foram presas antes da entrada em vigor da lei marcial. Esse documento que a “Revolução Libertadora” teria que responder, mas jamais chegou a fazê-lo.

Fernández Suárez, respondendo a um requerimento judicial, disse que o fuzilamento foi legal, devido à hora do decreto da lei marcial, e que Livraga foi condenado a morte pelo decreto número 10364 do Poder Executivo nacional, mas o juiz Hueyo res-

pondeu que no decreto citado, publicado no Boletim Oficial nº18171, não constava o nome de Livraga.

O doutor Hueyo logo compreendeu que o ponto crucial da investigação era a hora em que foi promulgada a lei marcial. Meses depois Walsh vai conseguir a prova, com uma fotocópia do livro de locutores da Rádio do Estado, que a lei foi promulgada depois da meia noite, ou seja, depois dos homens terem sido presos.

O caso foi para a Suprema Corte de Justiça da Nação que pronunciou uma sentença, no dia 24 de abril de 1957, que deixou pra sempre impune o massacre, transferindo a causa para uma intitulada Justiça Militar. Walsh analisou todas as coisas erradas nesse julgamento. Segundo ele, Fernández Suárez era tenente-coronel chefe de polícia em 9 de junho de 1956, mas quando prendeu Livraga agia como um funcionário civil, subordinado à Secretaria de Interior da província. Enquanto estava preso, obviamente Livraga não cometeu nenhum crime. Este dia da prisão, 9 de junho, acabou à meia-noite. Na madrugada do dia 10 (passado 32 minutos do dia 9) foi promulgada a lei marcial. Como foi preso no dia anterior, não pôde infringir a lei do dia 10. Qualquer coisa que lhe fizessem em nome dessa lei, se constituiria em um crime. Quando Fernández Suárez foi responder o requerimento judicial, estava transfigurado de autoridade militar, ignorando o fato de ter prendido Livraga como um civil. Quando mandou matar Livraga estava atuando como civil, porque essa era a única forma possível de relação que ele tinha com o preso. Se um crime foi cometido, ele teria que ser julgado como funcionário civil. Quando Livraga foi embarcado no ônibus dia 9 de junho ele estava protegido pelo artigo 18 da Constituição, o qual afirma que nenhum cidadão será punido sem julgamento prévio, mas sabemos que não foi isso que aconteceu.

No epílogo da primeira edição do livro, em 1957, Walsh conta um caso que aconteceu com ele, como jornalista, em 1955. Ele havia escrito um artigo em que homenageava três aviadores navais que morreram combatendo na campanha do sul. Ele citava dois homens revolucionários e um suboficial peronista – um homem que, segundo ele, deixou de lado suas convicções políticas para ser leal ao seu uniforme. As autoridades do Ministério da Marinha vetaram aquela matéria. O artigo acabou sendo publicado, apesar da desautorização. Walsh se lembra disso como o primeiro caso em que ele achou que a Revolução perdeu o atributo de “Libertadora”⁶⁹. Mas é claro que, no dia 9

⁶⁹ WALSH, op. cit., p. 236.

de junho de 1956, a revolução de Valle lhe sensibilizou mais. Apesar de a discussão política em seu livro ser sem ideologia (a qual só terá depois), Walsh mostrou seu desprezo não apenas por essa ditadura em específico, mas por todas as que já haviam acontecido ⁷⁰. Isso porque, segundo ele, as primeiras vítimas são sempre as inocentes, como os fuzilados de José León Suárez.

Walsh confessou se sentir vitorioso por ter conseguido ir tão a fundo à investigação, por ter tido ajuda de tantas pessoas. Mas se sentiu fracassado por não ter conseguido com que (qualquer) governo reconhecesse que cometeu uma atrocidade, que a Justiça do país os matou por engano, e que se desse um testemunho ou qualquer palavra para os sobreviventes do massacre. Também disse ter sido um fracasso não ter conseguido que Fernández Suárez fosse julgado e destituído ⁷¹. Walsh perdeu a ilusão da justiça, da reparação e da democracia.

A história do massacre não existia em 1956 ou em qualquer momento antes da sua primeira publicação. Ninguém queria ao menos tomar conhecimento dela. Walsh havia criado uma ilusão de que a notícia ia ser disputada nas redações e que a qualquer momento uma dúzia de repórteres e fotógrafos a estariam cobrindo. Mas o que aconteceu foi que, olhando para trás, repassando os arquivos dos jornais, a história nunca existiu. Sua primeira publicação, já citada, foi num sócio em Leandro Alem, e não há nenhum registro de como a população recebeu o massacre, como foi o impacto na Argentina. O que faz essa história ser ainda mais obscura é que o governo nunca admitiu culpa, muito pelo contrário, sempre acobertou seus maus feitos, assim como em qualquer ditadura. É de se entender quando Walsh escreveu nas suas primeiras edições que se sentiu parcialmente fracassado com isso. Entretanto, a investigação foi essencial para o jornalismo, para a resistência peronista e para pesquisadores de história. A denúncia do livro é de extrema importância para todas as gerações.

⁷⁰ Penso que aqui ele entende por revolução tanto os golpes quanto as resistências, qualquer motivo de luta.

⁷¹ WALSH, op. cit., p. 243.

Capítulo 3 – Rodolfo Walsh: literato, jornalista e militante político

Na vida de Walsh, percebe-se um trânsito de ideias e de ações, que são experiências mudando a todo o momento e que se constituem em uma vida muito relevante para ser objeto de estudo. Este capítulo utiliza duas biografias do escritor, que são fundamentais para entender como sua trajetória o fez mudar política e socialmente, dado que possuía uma vida estável sendo jornalista e escrevendo seus contos policiais, sem se importar com a política argentina, e deixou tudo isso para viver em clandestinidade e lutar pelo que achava preciso. O enfoque em sua descrição oferece uma compreensão das atitudes em que escolhe tomar ao longo dos anos, a respeito de suas investigações, viagens e até da sua morte.

Sua história mostra que veio de família pobre e nacionalista, por muito tempo influenciado a ficar do lado contrário de Perón e a favor de um golpe que o tirasse do poder. Mas seu sentido de justiça, que antes não estava ligado a uma política, foi começando a emergir depois das investigações do massacre de 1956. Ainda assim, depois de ir a Cuba, trabalhar com personalidades ícones de esquerda, como Che Guevara, e presenciar o primeiro ano da Revolução Cubana, não perdeu seu senso crítico a nenhuma ação de esquerda. Foi assim que depois de entrar para a organização dos *montoneros*, sentia que aos poucos ela se distanciava dos seus ideais. Muitas vezes também não conseguia mais apoiar o governo peronista, que realizava alianças com a burguesia e não atendia mais as expectativas da população. Ele sabia que vivia em uma sociedade elitista e se deu conta de que não tinha para quem escrever suas histórias, por isso também precisou abandonar um pouco a escrita sobre política e voltar a escrever seus contos policiais, até finalmente perceber que a literatura e a política não poderiam andar separadas.

O escritor Joaquín Fernández tem o trabalho de escrever o livro *Rodolfo Walsh – Entre el Combate y el Verbo* fazendo uma biografia completa de Walsh, desde sua infância até sua morte. Na verdade, ele começa contando a trajetória do famoso escritor argentino pela morte, mas isso é muito bem justificado por ele. Nas obras de Walsh, a morte funciona como um gatilho para suas histórias: é o ponto a partir do qual o narrador (ou investigador) inicia o desvendar de uma extensa e densa rede de acontecimentos que conduzem a história.

Primeiramente, como escritor de contos policiais, a morte iria “desencadear uma obra de reconstrução dos acontecimentos inscritos em dois registros”: primeiro, o pessoal, a biografia da história vivida pelos personagens protagonistas; e segundo, o social, campos de poder que determinam politicamente, economicamente e violentamente o lugar onde se cruzam as trajetórias dos personagens. Fernández explica que a morte de Walsh precisa ter o trabalho de ser relatada para poder romper os muros do silêncio que o terror construiu com o desaparecimento do seu corpo.

No dia que antecedeu sua morte, Walsh passava a limpo a “Carta Aberta à Junta Militar”. Passou três meses escrevendo-a, em sua casa em San Vicente, inspirado pela ideia de fazer um balanço da ação do governo que estava fazendo aniversário de um ano de gestão. A denúncia direta e frontal da carta ao governo é uma atitude difícil em uma época em que falar de política podia custar a vida. Pode-se relacionar a escrita da Carta Aberta com toda sua trajetória. Sua preferência literária desde sempre pela literatura policial não é fortuita. Seu deslizamento para o jornalismo, a investigação é uma escolha que o leva a uma nova forma de narrar, da conjugação do político e do literário, que depende tanto da testemunha como do questionamento das categorias de ficção e realidade – esses elementos condicionam a legitimidade da escrita da denúncia ⁷².

De acordo com sua biografia, em 25 de março de 1977 saiu de sua casa com destino a Buenos Aires. Ele tinha um encontro com alguém da organização dos *montoneros*, e saiu de casa levando cópias da carta. Nenhum vizinho suspeitou que Francisco Freyre (nome falso de Walsh), um professor de inglês aposentado que nunca falava mais do que “bom dia”, iria sair de casa para morrer. Ele foi à capital sabendo do risco que corria, mas a morte da sua filha Vicky, seis meses antes, foi o suficiente para encorajá-lo a prosseguir com seu plano. Além disso, pensou que o anonimato da cidade grande lhe permitiria espalhar as cópias das cartas com menos risco de serem interceptadas. Mas alguém sob tortura havia passado as informações desse encontro, então o escritor caiu em uma emboscada minutos depois de distribuir no ônibus as primeiras cópias da carta ⁷³. Estas cópias estavam dirigidas a diários locais e estrangeiros, embaixada e políticos; a original, à Junta Militar. O Grupo de tarefas nº3 da *Escuela de Mecánica de la Armada (ESMA)*, comandado pelo Oficial de Inteligência García Velasco, saiu à procu-

⁷² FINO, Claudia. Análisis de “Carta abierta de un escritor a la Junta Militar” de Rodolfo Walsh. In: **Oficios Terrestres**. 2002, p. 123.

⁷³ Ibid., p. 122.

ra de Walsh com detalhes precisos dos seus movimentos e com ordens para capturá-lo vivo. Houve uma perseguição, muitos tiros trocados e o escritor não conseguiu escapar. Foi levado à ESMA e lá chegou morto. Seu corpo permanece desaparecido. Esta é a história de sua morte.

Biografia

Os primeiros irlandeses que chegaram à Argentina o fizeram para escapar de uma realidade de miséria. A economia celta se encontrava em situação precária, marcada pela ruína da indústria local de vidro, lã e couro: tudo isso consequência do livre comércio imposto pela coroa a partir da assinatura da *Acta de Unión* ⁷⁴, se tornou insubsistente em 1846 e 1847 com a perda da cultura de batatas. O sul, camponês e mini fundiário, logo foi desapropriado pela economia imperial, expulsando das terras enormes massas de trabalhadores agrícolas. Nessas condições, milhares de camponeses, entre eles o tataravô de Walsh, chegaram à Argentina em busca de um futuro mais esperançoso e com fartura ⁷⁵.

Na Argentina, àquela época, explica Fernández, a realidade era outra: havia uma crescente demanda de produtos de agricultura e pecuária por parte do mercado europeu e a necessidade estratégica de habitar o solo para poder satisfazer essa demanda. O campo argentino era um verdadeiro produtor de riqueza. Os recém-chegados se acomodaram em terras marginais da província de Buenos Aires, organizaram-se em colônias agrícolas onde reforçavam suas identidades nacionais de origem. Miguel Walsh, avô de Rodolfo Walsh, conseguiu ser proprietário de uma estância, mas acabou perdendo tudo à custa de vício em jogo. Miguel Esteban Walsh (filho de Miguel Walsh) se mudou para Patagônia, onde foi empregado como mordomo de uma estância. Foi essa época, em Choele-Choel, que nasceu Rodolfo Walsh, em 9 de janeiro de 1927. Foi criado junto com seus irmãos em um ambiente de conservadorismo católico e nacionalista.

Depois de passar pelo colégio de freiras irlandês em *Capilla del Señor* e pelo *Instituto Faghi de Moreno* ⁷⁶, Walsh passou rapidamente pela Faculdade de Filosofia e

⁷⁴ Ato de União de 1800, documento que fundiu a Irlanda com o Reino da Grã Bretanha durante o reinado de Jorge III.

⁷⁵ FERNÁNDEZ, Joaquín. **Rodolfo Walsh**. Entre el combate y el verbo. Buenos Aires: Lea, 2005, p. 14-15.

⁷⁶ Ibid., p. 17-18.

Letras da *Universidad Nacional de la Plata*, mas abandonou a carreira alegando falta de tempo, porque já trabalhava no editorial *Hachette* como revisor e tradutor de inglês. Lá traduziu vários escritores da literatura policial. Essa época, segundo Fernández, era de crescente auge da literatura policial na Argentina, com exemplos de escritores como Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares. A expansão do gênero não era uma exceção dentro do campo editorial: desde 1936 vivia-se o período de maior prosperidade da indústria cultural argentina, cujas causas podem ser percebidas no colapso da produção editorial espanhola, como consequência da guerra civil. Esse crescimento da indústria se traduziu na confirmação de um público leitor interessado em livros de qualidade e baixo custo, e também pelo surgimento de novas especialidades técnicas vinculadas ao negócio editorial ⁷⁷.

Aos 23 anos, Walsh se casou com Elina Tejerina, professora e estudante de letras, quem seria mãe de suas duas filhas Maria Victoria e Patricia. Nesse tempo, Fernández entende que, embora não havia ainda publicado nada de sua autoria, o nome de Walsh começava a circular pelos ambientes da literatura policial. Explica que o momento chegou quando o editorial *Emecé* e a revista *Vea y Lea* organizaram um concurso de contos policiais sob a supervisão de Leónidas Barletta, Jorge Luis Borges y Adolfo Bioy Casares. Seu conto *Las tres noches de Isaías Bloom* não ganhou o concurso, mas obteve uma das menções especiais, sendo destacada pelos jurados. A publicação do conto aconteceu no número 97 de *Vea y Lea* em agosto de 1950. Em 1953, a literatura de Walsh decolou. A *Hachette* encomendou a realização de uma antologia de contos policiais nacionais. Sob o nome de *Diez cuentos policiales* saiu publicada com um pequeno prólogo de Walsh. No mesmo ano a *Hachette* publicaria seu primeiro livro de contos, *Variaciones en rojo* – os três contos que compõem o livro mostram um escritor adentrado nas regras do gênero em que escreve ⁷⁸.

Em dezembro de 1955, Walsh escreveu o artigo sobre os aviadores da *Plaza de Mayo*, já mencionado no capítulo anterior. Era uma homenagem a atuação da aviação naval, a qual seu próprio irmão havia desempenhado, na data em que as Forças Armadas argentinas se sublevaram contra a ordem institucional, derrubando da presidência Juan Perón. Neste momento, o escritor começa a perceber que havia algo de errado com o governo da “Revolução Libertadora”, implantado naquele ano. A censura do seu artigo

⁷⁷ FERNÁNDEZ, op. cit., p. 21.

⁷⁸ Ibid., p. 24.

já apresentava que nada havia de libertador dessa revolução. Talvez esse episódio também o tenha incentivado a investigar, no ano seguinte, o fuzilamento de José León Suárez.

Operação Massacre

Em 1956, Walsh estava trabalhando na segunda antologia de contos para a *Hachette*. Num primeiro momento, Walsh ignorou completamente a notícia que chegou a seus ouvidos do fuzilamento em junho. Não lhe importava a política, nem os mortos da “Revolução”. Quando ela desatou, Walsh apoiou a ditadura, influenciado pelos argumentos antiperonistas sobre o petróleo, desprezando toda a atitude autoritária do regime. Também havia uma questão familiar, que era o caso de seu irmão ser capitão de corbeta e diretor da Escola Naval de Aviação ⁷⁹. O autor de *Operação Massacre* não só escreveu um livro que denunciava o governo que criticava o peronismo – aquele que pensava que mudaria o cenário político argentino para melhor, pelo menos no que dizia respeito à liberdade –, mas também largou sua vida burguesa, com um trabalho de jornalista estável e uma carreira de escritor promissora, para se dedicar a um jornalismo investigativo que acabou o levando à uma militância revolucionária.

Em 18 de dezembro do mesmo ano, seis meses após a primeira vez em que soube do fuzilamento, foi novamente golpeado por essa notícia, mas com um adicional dado por um homem no café de La Plata: “*hay un fusilado que vive*”. A partir disso era questão de necessidade que o escritor soubesse tudo o que aconteceu naquela noite. O que despertou seu interesse para investigar o caso ainda não havia sido seu senso de justiça ou sua percepção de que havia algo errado, foi apenas curiosidade. Somente após o começo da sua pesquisa percebeu que aquela história poderia ser uma denúncia.

Entende-se que Walsh, como jornalista, buscava provar a “verdade” daquele massacre e justiça para as vítimas, mas o historiador deve fazer a crítica a essa verdade. Com um olhar historiográfico e não jornalístico, percebe-se que a questão principal da narrativa é a denúncia e não a busca pela “verdade”. A denúncia de um governo que oprimia a população proibindo em lei a propagação da cultura do peronismo, prendendo quem citasse os nomes de Juan e Eva Perón, ou simples jargões peronistas.

⁷⁹ DOMÍNGUEZ, Fabián. *El caso Rodolfo Walsh: un clandestino. El periodismo argentino y su aporte a la identidad nacional*, capítulo I, 1999.

Como o escritor mesmo explica em *Operação Massacre*, obteve grande ajuda de Jorge Doglia, advogado com cargo na Polícia da Província de Buenos Aires, e de Máximo von Kotsch, advogado do sobrevivente Livraga, para relatar todo o caso com detalhes. Walsh começava a entregar sua vida ao jornalismo investigativo e a criar uma indignação com a injustiça e o insulto aos direitos humanos, que iria morrer com ele em 1977.

Também explicou que visitou todas as redações de diários e revistas em busca da publicação da sua reportagem. A incredulidade, a desconfiança e o medo nas pessoas fez com que ninguém quisesse publicá-la. As acusações que o escritor fazia eram mais do que densas, elas apontavam a culpa para pessoas importantes, defendidas pelo governo, como o tenente-coronel Fernández Suárez.

O jornal *Revolución Nacional*, dirigido pelo Dr. Cerreti Costa, publicou em 15 de janeiro sua entrevista com Livraga. Depois disso, Walsh resolveu desaparecer da cena pública: abandonou sua casa e seu trabalho. Viveu pouco mais de um ano na casa de um amigo em *El Tigre* e em um rancho em *Merlo* sob o nome de Francisco Freyre⁸⁰. Passava os dias trabalhando com Enriqueta Muñiz, sua amiga também jornalista, a qual cita no livro. Assim começa a investigação.

A revista *Mayoría* publicou mais nove artigos da investigação entre maio e junho de 1957. Essas notas seriam o corpo da edição definitiva de *Operação Massacre*. Todo esse processo é explicado detalhadamente no seu livro, como se ele considerasse uma parte muito importante para a melhor compreensão de como se sustentou essa denúncia ao longo da sua intensa pesquisa. Durante a investigação, o escritor se sente obrigado a retomar suas colaborações com *Leoplán* por causa de sua situação econômica.

A revista *Mayoría* e o periódico *Revolución Nacional* eram vistos como imprensa nacionalista, segundo o próprio escritor diz no prólogo da primeira edição do livro. Já nessa época, em 1957, Walsh se considerava um homem de esquerda. Ainda não peronista, mas de esquerda. Então ele responde por que divulgou seu trabalho em jornais de oposição. Segundo ele, estes jornais estão ousando falar sobre o massacre e isso que era o importante, não as diferentes ideologias. A coragem deles de falar sobre aquilo era o suficiente para que o escritor os tivesse como aliados. E essa publicação e divulgação

⁸⁰ FERNÁNDEZ, op. cit., p. 35.

daquele acontecimento era urgente e precisava ser feita. “Escrevi este livro para que fosse publicado, para que agisse, não para que se incorporasse ao vasto número de elucubrações dos ideólogos (...), para que (os fatos) inspirem espanto, para que nunca mais tornem a se repetir”. E mais, “todo aquele que me ajudar a difundir-los e divulgá-los será um aliado” ⁸¹. Walsh então entende isso como algo que aprendeu com o tempo, sendo jornalista investigativo e precisando divulgar seu trabalho.

O escritor se coloca de esquerda no prólogo, mas, na introdução, também de 1957, critica o peronismo. Ele diz: “sei perfeitamente que sob o regime peronista eu não teria podido publicar um livro como este, nem os artigos jornalísticos que o precederam, nem sequer tentar a investigação de crimes policiais que se verificaram igualmente naquele período” ⁸². Neste caso, Walsh está criticando a falta de liberdade de expressão que dizia presenciar durante o governo peronista, ignorando que o governo de 1957 estava tentando extinguir não só o direito de liberdade de expressão como a própria ideologia peronista com o seu processo de “desperonização”.

Apesar de não querer envolver o massacre descrito no livro com outros da época, Walsh explica, no final de um epílogo de 1969, que os militares de 1956 foram fuzilados na revolução de Valle porque pretendiam falar em nome do povo, do peronismo. E as torturas e assassinatos que aconteceram antes e depois dessa data também são episódios da luta de classes na Argentina. Ele cita outros casos como o de Manchego, de Vallese; os assassinatos de Méndez, Mussi e Retamar; a morte de Papillón, operário e militante da UCR e o assassinato de Hilda Guerrero, militante da CGT ⁸³. Nesse epílogo, Walsh parece mais perturbado com a situação política, vivendo na ditadura do general Onganía, descrente em uma sociedade que ele diz ser retrato de uma oligarquia dominante.

Quando começou a escrever sobre o fuzilamento de José León Suárez, Walsh tinha o objetivo de levar a público os acontecimentos silenciados pela grande imprensa nacional e que os responsáveis fossem julgados perante a lei, como explica na introdução de 1957:

Reitero que esta obra não persegue um objetivo político, nem muito menos pretende avivar ódios completamente estéreis. Persegue - um

⁸¹ WALSH, op. cit., p. 206.

⁸² Ibid., p. 213.

⁸³ Ibid., p. 244.

entre muitos - um objetivo social: o aniquilamento em curto ou longo prazo, dos assassinos impunes, dos torturadores, dos “técnicos” de picanha que permanecem apesar das mudanças de governo, do submundo armado e uniformizado.⁸⁴

Mas o escritor formou a ilusão de que, assim que a denúncia fosse realizada, automaticamente aconteceria o castigo dos culpados. Para ele, foi difícil entender que fracassou nos objetivos. Percebe-se que em seus relatos, a investigação do caso tem como objetivo sempre descobrir o culpado e buscar pela justiça, mas este último fracassa não porque não se descobriu a verdade, mas porque em uma sociedade corrupta e arbitrária isso não é possível. Walsh diz que sente a sensação de fracasso pelos crimes terem passado impunes, mas isso não é bem verdade. Contar, narrar é também uma maneira de reparar⁸⁵. Ele contribuiu para uma denúncia que ficará na memória para sempre dos argentinos e de todos que leram sua obra.

Em 1964, no epílogo da segunda edição de *Operação Massacre*, Walsh já não dispunha mais esperanças que houvesse punição pelo massacre, ou menos acreditava na possibilidade de uma verdadeira democracia. Em 1968, quando escreve *Quién mató a Rosendo?*, o escritor já não se importa com a justiça, escreve unicamente pelo direito do trabalhador de saber quem os representa.

Em maio de 1970, os *montoneros*, grupo o qual Walsh e sua filha participaram na Revolução Argentina, sequestraram Aramburu e o condenaram à morte pela morte de 27 pessoas sem julgamento ou causa justificada no massacre de 1956, segundo Walsh esclarece em seu livro. Esse comando dos *montoneros* levava o nome do general Valle, também morto por Aramburu. As motivações concretas para essa operação foi a aplicação de uma justiça revolucionária e a vontade de privar o regime ditatorial de sua carta mais importante para a saída demoliberal, dando com isso um golpe. A execução provocou um aumento de intensidade das contradições internas do regime, das quais o resultado foi a mudança de Onganía por Levingston na Revolução Argentina⁸⁶.

Nesta parte da obra em que o escritor conta sobre este sequestro, é a primeira vez em que ele fala de um serviço específico da guerrilha. Impossível não se lembrar de quando ele descreve a noite que ocorreu a revolução de Valle em que estava voltando

⁸⁴ WALSH, op. cit., p. 214.

⁸⁵ SÁNCHEZ, Ana María Amar. La ficción del testimonio. *Revista iberoamericana*, v. 56, n. 151, 1990, p. 460.

⁸⁶ EL HISTORIADOR. Montoneros: El llanto para el enemigo. Disponível em: <http://www.elhistoriador.com.ar/articulos/los_70/montoneros.php>. Acesso em: 22 de maio de 2016.

para casa e viu os dois lados da guerra: os militantes e os militares. “Se há algo que justamente procurei suscitar nestas páginas, foi o horror das revoluções, cujas primeiras vítimas são sempre os inocentes, como os fuzilados de José León Suárez ou aquele conscrito abatido a poucos metros de onde eu estava”⁸⁷. Ele faz uma crítica a todo tipo de revolução, seja ela “justa” ou não, alegando que elas nunca compensavam, porque geravam mortes dos dois lados, estes que não sabem se são leais ou rebeldes. Ou seja, Walsh está criticando a luta armada em 1957. Sua opinião deve ter mudado depois de ir a Cuba em 1959 e vivenciar o resultado de uma revolução pela luta armada. Sua própria filha guerrilheira morrerá mais tarde, em 1976, em confronto com a polícia.

Passados alguns meses, a imprensa canonizou Aramburu: “paladino da democracia, soldado da liberdade e dileto filho da pátria” foram algumas invocações que Walsh colocou. Também explica que os crimes do tenente-general não paravam por aí, ele prendeu milhares de trabalhadores, reprimia greves e organizações sindicais, torturou e assinou proscições e fuzilamentos, incorporou capitais estrangeiros e acumulou dívidas para o país. Isso motivou uma rebeldia entre a militância que, quinze anos mais tarde, conseguiu confrontá-lo.

Se posicionar à esquerda tem suas consequências

Em meados de 1959, Walsh visitou Cuba, logo depois da revolução, com a expectativa de presenciar o nascimento de uma nova ordem política. Mas seu real motivo de visita foi o trabalho. Jorge Ricardo Masetti, jornalista argentino e amigo de Walsh, o convocou para trabalhar na *Prensa Latina*, um projeto de uma formação de agência de notícias que contrariasse o que a imprensa internacional falava da América Latina. Walsh ocupava o papel de diretor de serviços especiais do departamento de informações dessa agência, na qual trabalhou com figuras como Gabriel García Márquez⁸⁸.

Certa vez, algo muito raro aconteceu. Jorge Masetti, havia instalado na agência uma sala especial de teletipos (teleimpressos) para captar e analisar o material das agências rivais. Uma noite, por acidente, apareceu em seu escritório um rolo de teletipo que não tinha o conteúdo de uma notícia, mas uma mensagem muito grande em código. Era na verdade para ser uma entrega da Tropical Cable de Guatemala para os Estados Uni-

⁸⁷ WALSH, op. cit., p. 239.

⁸⁸ FERNÁNDEZ, op. cit., p. 42.

dos, que por engano foi parar na *Prensa Latina*. Walsh se dispôs a decifrar a mensagem com a ajuda de manuais de criptografia. Encontrou uma informação muito importante para o governo revolucionário cubano. Era um informe minucioso dos preparativos para um desembarque em Cuba pelo governo norte-americano enviado pelo chefe da CIA na Guatemala. Revelava-se, inclusive, o lugar onde se começava a se preparar os recrutas: um antigo cafezal no norte da Guatemala. Por muitos anos a CIA acreditou que haviam sido os russos quem interceptaram os comunicados. A invasão ocorreu em 17 de abril de 1961 e foi repellido por milícias populares cubanas, graças a Walsh ⁸⁹. O acontecimento ficou historicamente reconhecido como a invasão fracassada à *Playa Girón*.

Quando Walsh voltou à Argentina, na década de 1960, não se encontrava em sua estabilidade emocional. “*Aquí hay todo un sector de la cultura “oficial”, del periodismo ‘sério’ que nunca me va a perdonar que haya escrito Operación Masacre y Caso Satanowsky, y que haya estado en Cuba*” ⁹⁰. O escritor parece querer explicar que sua mentalidade e espírito revolucionários não se encaixavam mais na realidade argentina. Segundo Fernández, ele se afastou no jornalismo por um tempo, trabalhou em um negócio de antiguidades da sua segunda esposa, Stella Poupée, e retomou seu hábito pela literatura. Esse período foi o de sua maior produção narrativa de contos.

Walsh sentia um pesar: na sua consciência, ele tinha uma dívida com o romance. “Me formei dentro dessa concepção das categorias artísticas e acho difícil me convencer de que o romance não é no fundo uma forma artística superior. Vivo ambicionado de ter tempo para escrever um romance” ⁹¹. Esse romance, no caso, seria o de uma literatura não vinculada com a política, como pode-se entender na sua biografia. Com esse objetivo, ele firma um acordo com Jorge Álvarez em 1968 para escrever seu romance. Mas outras coisas ainda chateavam o escritor. A morte de seu amigo Jorge Ricardo Masetti e, em outubro de 1967, de Che Guevara, quem havia conhecido na *Prensa Latina*. Essas tragédias fizeram a política bater na porta de onde Walsh estava escondido. Passa janeiro de 1969 e o romance já não é mais prioridade para o escritor.

Em fevereiro de 1968, Walsh havia viajado a Cuba novamente. O motivo da visita era um convite que recebeu para participar de algumas atividades organizadas pela *Casa de las Americas* no *Congreso Cultural de La Habana*, junto com personalidades

⁸⁹ FERNÁNDEZ, op. cit., p. 43.

⁹⁰ Ibid., p. 45.

⁹¹ Ibid., p. 47.

da intelectualidade internacional. Fez parte de uma mesa de debate sobre literatura argentina do século XX, acompanhado de Juan Carlos Portantiero e Francisco Urondo. Também aproveitou a visita para inteirar-se da literatura cubana pós-revolução. Disso nasceu o objetivo de dar um testemunho sobre essas mudanças, o que resultou na antologia *Crónicas de Cuba*, editada por Jorge Álvarez em abril de 1969, com prólogo de Walsh ⁹².

O bloqueio que Cuba sofria desde a revolução fazia com que a única maneira de se entrar e sair da ilha por avião fosse pela Espanha. Voltando à Buenos Aires e tendo que passar por Madrid, Walsh não quis perder a oportunidade de fazer uma visita a Perón, que estava lá exilado em Puerta de Hierro. Quando estava lá, Perón lhe apresentou Raimundo Ongaro, Secretário Geral da CGT dos argentinos. Segundo Fernández, ele combinava com Perón uma estratégia política para o país frente a uma ditadura e a tentativa de uma desmobilização operária que havia combinado Augusto Timoteo Vador, Secretário Geral da CGT Azopardo, com o governo de Onganía. Vador era dirigente metalúrgico que tinha relações com os militares do poder e com representantes de grandes empresas transnacionais, interessados em desmontar a estrutura gremial levantada no governo peronista. Ongaro era o homem que Perón encarregou de mobilizar setores combativos do sindicalismo argentino para destruir Vador e terminar com a política de acordo que ele mantinha com a ditadura ⁹³. Walsh, que até então nunca havia sido peronista, saiu de Puerta de Hierro com a missão de se encarregar da direção do jornal da CGT dos argentinos. Esse jornal seria uma eficaz ferramenta de luta interna do sindicalismo argentino após o golpe de 1955, conforme explica Fernández. O encontro de Walsh com Perón em Madrid ficaria registrado no conto *Ese Hombre encontrado* inacabado em seus papéis póstumos.

No dia 1º de maio de 1968, Ongaro apresentou no *Córdoba Sport Club* seu programa político e de ação chamado *Mensaje a los trabajadores y al pueblo argentino*, escrito por Walsh e vários colaboradores. Todos são chamados para não serem coniventes com os projetos da ditadura. Aparece, junto às apelações, uma das considerações públicas que melhor encaixam na descrição de Walsh a uma conduta que iria conservar até seus últimos dias: “*el intelectual que no comprende lo que pasa en su tiempo y su país, es una contradicción andante; y el que, comprendiendo no actúa, tendrá un lugar*

⁹² FERNÁNDEZ, op. cit., p. 49.

⁹³ Ibid, p. 50.

en la antología del llanto, no en la historia viva de su tierra" ⁹⁴. Por essa frase nota-se uma grande surpresa, uma contradição com seu próprio passado. O escritor aqui está alfinetando ele mesmo de dez ou onze anos atrás, uma pessoa que não se importava em saber o que acontecia ao seu redor, porque achava que não lhe convinha. Mesmo depois da investigação do massacre de 1956 e da sua publicação, Walsh não havia dado ênfase da revolução de Valle, ou mesmo ao peronismo em si. Essa mudança também podemos perceber ao longo das novas edições do livro, em que o escritor vai agregando novos apêndices com alguns contextos históricos importantes ou crítica direta ao governo.

Logo depois da publicação de alguns artigos do jornal da CGT, Walsh decidiu novamente se recluir da vida pública, mudando constantemente de casa, por causa da ameaça de morte que lhe foi dada pelos gângster da UOM (*Unión Obrera Metalurgica*).

Walsh entrou numa profunda crise de escritor quando começou a se questionar para que público estava escrevendo. Certamente não queria que fosse para a burguesia. Em 1969, passava por problemas econômicos e emocionais. Pensava que não podia ser um escritor "sério", porque não tinha tempo para se dedicar a literatura, nem sabia se queria participar desse mundo de reconhecimento artístico e intelectual. Também não podia ser um revolucionário, porque não tinha coragem de abandonar suas aspirações literárias e converter-se à guerrilha ⁹⁵. Nessa época ainda, para Walsh, a literatura e a política andavam separadas. Um escritor que tanto lia e editava literaturas, levou tempo para saber que todo romance representa o contexto histórico de sua época, então mesmo que ele quisesse se afastar da política vivida naquela época, não conseguiria.

Queda de Perón e "Revolução Argentina"

Com a execução de Aramburu em junho de 1970, os *montoneros* ficaram publicamente conhecidos. Depois de uma primeira aproximação das *Fuerzas Armadas Peronistas* (FAP), Walsh começou uma colaboração com os *montoneros*, que mais tarde se transformaria em militância. Imediatamente, agregou um novo capítulo a *Operação*

⁹⁴ "Mensaje a los trabajadores y al pueblo argentino", citado em Anguita, Eduardo y Caparrós, Martín, La voluntad. Una historia de la militancia revolucionaria en la Argentina. 1966-1973, Tomo I, Bs. As., Grupo Editorial Norma, 1997 apud. FERNÁNDEZ, op. cit.

⁹⁵ FERNÁNDEZ, op. cit., p. 54.

Massacre com o título de “Aramburu e o julgamento histórico”, já mencionado, que conta como o general foi assassinado pelos militantes.

A classe trabalhadora, historicamente peronista, não era tão revolucionária quanto as vanguardas do movimento. Seu apoio ao líder remetia, segundo Fernández, a um retorno ao passado, à época do primeiro governo peronista, momento do maior auge da substituição de importação, das situações de pleno emprego, aumento de salários. É por isso que os *montoneros* vão criticar Perón e pensar em se comunicar mais diretamente com o povo.

Quando o último presidente da “Revolução Argentina”, Alejandro Agustin Lanusse, assumiu o cargo de primeiro mandatário, tinha dois objetivos: “*pacificar la Nación*” para realizar as eleições e se assegurar de que o ganhador não fosse Perón e a imposição do general exilado de ser candidato. Mas as coisas não saíram como o presidente esperava. Apresentando-se ele mesmo como candidato a presidente, era incapaz de conseguir o voto do fragmentado e heterogêneo campo eleitoral não peronista. O peronismo lançou seu candidato e, em 11 de março de 1973, Héctor J. Cámpora, delegado pessoal de Perón, ganhou as eleições com quase 50% dos votos ⁹⁶. Assim acabava 18 anos de proibição do peronismo na Argentina e dava início ao plano de trazer Perón de volta, que seis meses mais tarde, se proclamaria presidente.

Quando Cámpora assumiu, a situação melhorou para a militância *montonera*. Começaram a ser convidados para participar de reuniões na Casa Rosada e eram consultados em questões políticas, explica Fernández. Dessa forma, Walsh conseguiu intercalar seu trabalho nos *montoneros* com algumas atividades públicas. Em 1973, publicou em formato de livro o *Caso Satanowsky*, fez uma recopilação das notas publicadas em *Mayoría*, em 1958, dirigido às *Agrupaciones de Base* e ao *Bloque de Prensa Peronista* como uma tentativa de destruir os mecanismo que a “Libertadora” estabeleceu no campo do jornalismo; e publicou o conto *Un oscuro día de justicia*, cuja edição incluiu uma reportagem de Ricardo Piglia, de 1970, com o título *Hoy es imposible en la Argentina hacer literatura desvinculada de la política*. Walsh sofreu grande influência de Piglia, tanto que a partir depois dessa publicação, ele entrou para a militância. Durante esses

⁹⁶ FERNÁNDEZ, op. cit., p. 59.

anos, colaborou com o semanário *Marcha de Uruguay*, publicação que reunia em suas páginas pessoas como Eduardo Galeano, Mario Benedetti e Juan Carlos Onetti ⁹⁷.

Quando voltou, Perón já não conseguia esconder sua fraqueza pelo setores do movimento vinculados à direita nacionalista e a burocracia sindical. Mas o povo peronista queria Perón, fosse com quem ele se aliasse. Os *montoneros* não podiam enfrentá-lo abertamente porque ainda era a imagem de Perón que representava o povo trabalhador. Os *montoneros* precisavam pensar em algo para fazer com que o povo entendesse sua causa. Assim surge o diário *Noticias*, como uma estratégia na luta para recuperar o espaço perdido no campo da representação popular.

Fernández esclarece que o avanço do poder dos grupos de direita peronistas, que apoiavam as alianças de Perón, fez com que os *montoneros* sentissem necessidade de fazer um jornal para enfrentar a grande imprensa nacional. O financiamento vinha dos lugares de estrutura organizativa dos *montoneros*, ou seja, de sequestros de gerentes de empresas estrangeiras ou algo parecido. A ideia era realizar um diário frentista, capaz de espalhar-se para uma maior quantidade possível de setores peronistas que não gostavam do crescente protagonismo que adquiria a direita militarizada representada na figura de José López Rega ⁹⁸. Os *montoneros* queriam que o diário apresentasse uma propaganda das suas atividades políticas e, se possível, incentivar o povo a pensar e interpretar o que estava acontecendo na política. Em 20 de novembro, saiu o primeiro número de *Noticias*. A maioria de seus jornalistas era militantes *montoneros*, entre eles estavam Rodolfo Walsh e sua filha Patricia Walsh, Silvina Walger, Alicia Barrios, Carlos Ulanovsky, entre outros.

Essa estratégia dos *montoneros* não era bem vista pelo escritor, como explica Fernández. Em 1974, Walsh deixou escrito suas diferenças estratégicas e de concepção política com os *montoneros*. Ele via que a organização ia se fechando cada vez mais em si mesma. Separar-se de Perón era cortar a ponte que os *montoneros* tinham com as massas. Foi Walsh que, em 1º de julho daquele ano, escreveu no *Noticias* sobre a morte de Perón.

⁹⁷ FERNÁNDEZ, op. cit., p. 58.

⁹⁸ Ibid., p. 60.

Perseguições

O governo seguinte, de Isabel Perón, deu margem para a perseguição e morte de todo dissidente de esquerda peronista ou marxista. Segundo Fernández, a organização clandestina *Alianza Anticomunista Argentina* (Triple A) alcançou seu auge nesses anos, assassinando políticos e intelectuais de esquerda, sindicalistas, artistas e estudantes. O conselho do *Noticias* começou a ter que tomar precauções em suas reuniões e a aconselhar seus militantes a andarem armados. Por esses anos foram proibidos a circulação de diários como *Militancia*, revista em que Walsh colaborava na direção, *El Mundo*, *El Descamisado*, *El Peronista*, *La Calle*, *El Nuevo Hombre* e *Satiricón*, acusados de terrorismo ⁹⁹.

Em setembro de 1974, é sancionada uma lei de segurança para repressão da guerrilha. Os *montoneros* decidem passar para a clandestinidade, se distanciando cada vez mais de suas bases. Walsh acentuava novamente suas diferenças com a política que era seguida por essa organização. Ele que sempre havia lutado para abrir o círculo político para a participação popular, estava dando ordens dentro de um dos grupos mais fechados e elitistas da história argentina, segundo Fernández.

O governo do golpe militar de 1976 conseguiu o apoio de toda a liderança política argentina, com a promessa de dar por encerrada a subversão armada no país pela política peronista. O que vinha nesse acordo era a instauração de um modelo de país entregue a especulação do capital financeiro internacional, a desnacionalização da economia, a desindustrialização, a diminuição dos salários dos operários, o silenciamento da oposição, as perseguições a intelectuais, o desaparecimento de pessoas e o sequestro de bebês ¹⁰⁰.

Foi dia 29 de setembro que María Victoria Walsh, oficial 2º dos *montoneros*, responsável pela imprensa sindical da organização, morreu em combate com as forças do exército. Um dia antes, Vicky chegou com a sua filha de um ano ao lugar onde se reuniria com os *montoneros*. Passou a noite e foi acordada às sete da manhã com os autôfalantes do exército. Ela e outros quatro militantes tiveram que lutar com 150 soldados, um tanque de guerra e um helicóptero militar. Depois de uma hora e meia de combate houve um silêncio, e Vicky apareceu para os soldados dizendo: “*Ustedes no*

⁹⁹ FERNÁNDEZ, op. cit., p. 64.

¹⁰⁰ Ibid., p. 65.

nos matan, nosotros elegimos morir”¹⁰¹. Ela se matou porque não estava disposta a enfrentar a tortura, o esfolamento, a mutilação, a vara com ponta de ferro. A única sobrevivente do combate foi Victoria María Costa, a filha de Vicky. Ela foi entregue para adoção à polícia de Buenos Aires junto com outros “filhos de subversivos”. O avô por parte de pai da criança conseguiu recuperá-la¹⁰².

Walsh queria criar alguma atividade pública para recuperar o terreno no campo de discurso político, porque estava convencido de que o terror se baseava na incomunicação. Assim nasce a *Ancla (Agencia de Noticias Clandestina)* e a *Cadena Informativa*. O objetivo da *Ancla* era combater a ação que o governo exercia através de grandes meios de difusão para aterrorizar o público e permitir publicar informações que os meios de comunicação censuravam. Já a *Cadena Informativa* era pensada como uma rede expansiva de circulação onde cada receptor funcionava como agente encarregado de dar difusão à informação que recebeu. Eram feitos a maior quantidade de boletins curtos e fáceis de reproduzir e enviaram pelo correio a pessoas influentes da política nacional, trabalhadores, vizinhos, etc.¹⁰³. Walsh queria romper o bloqueio de informação e qualquer um podia ajudar.

No final de 1976, Walsh publica *Carta a Vicky*, *Carta a mis amigos* e *Carta abierta a la Junta Militar*. Esta última, talvez sem esperança de ser ouvido, mas com a certeza de continuar assumindo seu papel de testemunhar momentos difíceis. Depois de sua morte, o exército visitou sua casa em San Vicente e sequestrou todos os seus escritos, alguns ainda incompletos, entre eles, aquele romance que Walsh tanto queria escrever.

Gênero literário

Em 1965, Truman Capote escreveu *In cold blood*, um romance que relata os acontecimentos que rodeavam o assassinato de uma família no Kansas, Estados Unidos. Essa obra não se encaixava em nenhum gênero literário existente. Capote escreveu seu romance de uma maneira que não era habitual dentro das crônicas jornalísticas. Este gênero nascido, meio jornalístico e meio literário, foi chamada de *non-fiction*. Mas ele

¹⁰¹ WALSH, Rodolfo. **Carta a Vicky**. Disponível em: <<http://www.rodolfowalsh.org/spip.php?article59>>. Acesso em: 29 de maio de 2016.

¹⁰² Ibid., p. 66.

¹⁰³ Ibid., p. 69.

já havia sido usado quase dez anos antes por Walsh em *Operação Massacre*. Capote queria revolucionar o jornalismo da época com uma maneira diferente de contar a realidade. Walsh não tinha intenção alguma a não ser de expressar sua indignação diante do massacre. A investigação de Capote conta com a ajuda da polícia e outros organismos oficiais, mas Walsh, em contrapartida, denuncia essas instituições do Estado, por serem culpadas pelas mortes que noticia. E por ser uma denúncia às autoridades, sua história por muito tempo é ignorada. O massacre não apareceu nos jornais da época. A grande mídia cedeu espaço para Fernández Suárez se defender das acusações pelos fuzilamentos, mas em nenhum momento esses meios se incomodaram em consultar a investigação de Walsh, apesar de ele ter se encarregado de responder cada mentira que publicaram sobre esse tema no *Obligado Apéndice* de 1957. Neste texto, ele explica os passos da sua investigação, detalhes que se tornariam essenciais para quem aspirasse ser jornalista¹⁰⁴. Sete anos após sua publicação do livro, nada podia se encontrar nos jornais sobre a denúncia.

Operação Massacre lembra os contos policiais do escritor porque é como se ele estivesse fazendo o papel principal de seus contos: o do investigador. O regresso de tempos em tempos para o livro, melhorando-o, corrigindo-o, adicionando notas, epílogos, análises, é a prova de que o autor também mudou muito ao longo dos anos, mudou sua ideologia e tomou algumas decisões na vida e na escrita, além de comprovar a crença da eficácia da denúncia como arma. O livro superou o tempo e as fronteiras, sendo lido e reconhecido por muitos jornalistas e escritores. A estrutura desse livro segue um modelo que seria imitado por outros escritores¹⁰⁵.

O jornalismo investigativo era uma área pouco frequentada na época. Domínguez, assim como Piglia, Sánchez, Fino e os demais autores que analisam Walsh, o que o escritor fez de mais importante foi a fusão entre o jornalismo ligado a política e a literatura, cuja realidade anda de mãos dadas com a obra. A violação dos direitos humanos por partes de homens que integraram entidades estatais foi uma constante ao longo do século XX, desde a semana trágica do 19, passando pelos fuzilamentos na Patagônia nos anos 20, sem deixar de mencionar os 60 anos de golpes de estado e a noite trágica iniciada em 76. A fase democrática, iniciada em 83, também estava marcada pelo estigma da violência institucional, com crimes como do soldado Carrasco, os atentados à embaixa-

¹⁰⁴ WALSH, Rodolfo. *Carta a Vicky*, capítulo II.

¹⁰⁵ *Ibid.*, capítulo II.

da de Israel e a AMIA, o assassinato de José Luis Cabezas e o massacre de Ramallo; acontecimentos esses que tiveram envolvidos membros das Forças Armadas¹⁰⁶.

“¿Quién mató a Rosendo?” e “Caso Satanowski”

Entre todos os contos de Walsh, é importante chamar atenção para duas investigações que também viraram livros: *¿Quién mató a Rosendo?* e *Caso Satanowski*, por apresentarem um conteúdo político de denúncia muito parecido com *Operação Massacre*. *¿Quién mató a Rosendo?*, publicado em 1968, utiliza mais uma vez do testemunho de uma história de violência, a cultura popular e oral deixam suas marcas na escrita. A história é sobre a noite trágica de Avalleneda, em meados dos anos 1960, quando se descobriu a corrupção que vivia o grêmio e a convivência que existia com o regime militar. Houve um enfrentamento verbal e físico de dois grupos antagônicos do movimento operário que terminou com dois disparos, provocando a morte de dois militantes operários e de Rosendo García, importante referência do grêmio da CGT. Walsh descobriu que Rosendo foi morto pelo *Secretario General de la CGT*, Augusto Timoteo Vandor, o “Lobo”¹⁰⁷. Essa história do sindicalismo argentino é reconstruída pelas vozes dos seus protagonistas, pelas vítimas da derrota dos setores progressistas das organizações dos grêmios pelas mãos da burocracia sindical.

No dia 13 de junho de 1957, o advogado Marcos Satanowsky morreu assassinado em seu escritório em San Martín. Walsh logo percebeu algo errado nessa história. Fernández conta que o caso estava sendo investigado pela *Comisión Especial de Investigaciones*, dirigida por Cuarenta, um dos denunciados em *Operação Massacre*, e o escritor desconfiou que essa comissão estivesse escondendo algo. Fernández explica que a “Revolução Libertadora”, já em 1955, começou uma campanha de recuperação patrimonial. Todos os bens do peronismo deveriam ser expropriados e devolvidos à nação. Entre eles estava o jornal *La Razón*, cujo acionista era Ricardo Peralta Ramos, um homem de ideologia questionável: era justista na época de Justo (presidente Agustín Pedro Justo, 1932-1938), peronista na época de Perón e antiperonista na “Revolução”.

O *La Razón*, como vários outros canais de difusão, formava parte de uma rede de diários, revistas e rádios que o governo peronista havia controlado. Satanowsky era

¹⁰⁶ WALSH, Rodolfo. *Carta a Vicky*, capítulo II.

¹⁰⁷ Idem.

advogado de Peralta Ramos. Este, nunca vendeu seu jornal para o governo peronista. Aramburu exerceu grande pressão contra Satanowsky para que ele revelasse onde supostamente havia escondido os papéis que provassem a venda do jornal ¹⁰⁸. Aramburu queria se apropriar de *La Razón* e não conseguiu, por impedimento de Satanowsky, que acabou sendo morto como consequência disso. Sobre este crime, Walsh fez uma exaustiva investigação que publicou primeiro na revista *Mayoría* entre junho e dezembro de 1958, e mais adiante, em forma de livro ¹⁰⁹. A Walsh não lhe interessava Satanowsky ou Peralta Ramos, ambos representantes da oligarquia argentina, mas sua busca por denunciar uma lógica de funcionamento assassina somadas a morte do advogado e os fuzilamento de junho de 1956.

A edição em livro do Caso Satanowsky teve que esperar quinze anos depois da publicação das vinte e oito notas que apareceram em *Mayoría* entre junho e dezembro de 1958. O caso do diário *La Razón* deixou três mortos: o primeiro juiz, Arturo Llosa, que morreu em um estranho acidente de carro; Esteban García, que se retirou do caso pouco antes de morrer depois de um escapamento de gás na sua casa; e Satanowsky, depois de revisarem seu escritório à procura do documento que comprovasse a venda do *La Razón* a funcionário peronistas, o que “justificaria”, sendo a legalidade da “Revolução Libertadora”, seu confisco pelo governo. Não houve condenação nesse caso, o que se assimila muito com *Operação Massacre*: a frustração de um investigador que faz uma denúncia ao governo corrupto, manipulador e assassino, mas que não é ouvido.

Desilusão política

No aspecto político, o escritor passou pelo desencanto da “Revolução Libertadora”, ao desengano com o governo de Frondizi. Sobre ele, Walsh escreveu uma nota estranha: *Veinte preguntas al presidente electo*, onde mostrava uma linguagem complacente. É possível supor que, desde a direção da revista, tivessem pedido para que tratasse com respeito o novo primeiro líder. Em seu texto, procura justificar cada pergunta, mas sem o rigor que demonstrou em *Operação Massacre*. O presidente recebeu um exemplar deste livro, mas não fez justiça para com os familiares, esposas e filhos dos fuzilados. Isso só se repararia quarenta anos depois, durante a presidência de Carlos

¹⁰⁸ WALSH, Rodolfo. **Carta a Vicky**, p. 38.

¹⁰⁹ O livro é: WALSH, Rodolfo. **Caso Satanowsky**. Buenos Aires: de la Flor, 4ta. edición, 2000.

Menem, que fez um projeto de indenização não apenas para as famílias dos fuzilados de José León Suárez, mas de todas as vítimas do dia 9 de junho de 1956 ¹¹⁰. Na verdade, Frondizi fez o contrário de ajudar. Ele permitiu que Fernández Suárez se ascendessem a coronel. A decepção de Walsh se aprofundou na investigação da morte do advogado Satanowsky, crime que estava vinculado o *Servicio de Inteligencia del Estado* (SIDE) ¹¹¹. A partir de então, teve certeza de que todos que se aproximavam do poder (advogados, militares, legisladores) se deixavam corromper.

* * *

Rodolfo Walsh, até 1956, era um jornalista que gostava de escrever contos policiais e não se envolvia com política. Se lhe perguntassem sobre o peronismo, diria que não gostava. Se lhe perguntassem sobre a “Revolução Libertadora”, diria que talvez pudesse ser um bom governo, já que propunha mudar o anterior. Sua paixão pelo suspense e pela investigação dos contos policiais fez com que ele quisesse trabalhar em um caso real. O fuzilamento de junho de 1956 foi o início do surgimento de uma ideologia política. Conforme foi descobrindo mais sobreviventes, percebeu que a história renderia muito mais do que algumas publicações de artigos em jornais. Assim nasceu *Operação Massacre*, um romance testemunho, uma investigação de um crime cometido por homens da “Revolução Libertadora”. Depois da primeira edição do livro, o escritor ainda teve a oportunidade de conhecer a Cuba revolucionária de 1959, trabalhar numa agência que criticava as notícias estrangeiras sobre o país e conhecer personalidades de esquerda, como Che Guevara, Jorge Masetti e Gabriel García Márquez. Ele chega ao seu país confuso, querendo fazer uma crítica à política da época, uma denúncia, mas teme em não ter público que queira ler sobre isso. Encontra-se extremamente dividido entre esse novo sujeito político e a literatura de contos policiais.

É evidente essa influência nas edições de 1964 e 1969, quando Walsh começa a dar sinais de uma ideologia política em formação, principalmente na última, época da ditadura de Onganía, quando revela sua indignação por outros assassinatos e coloca o problema da luta de classes da Argentina como uma questão importante. Na década de

¹¹⁰ LA NACIÓN. Reparación a familiares de los fusilados de 1956. Buenos Aires, 24/mar/1999. Disponível em: <<http://lanacion.com.ar/132361-reparacion-a-familiares-de-los-fusilados-en-1956>>. Acesso em: 13 de junho de 2016.

¹¹¹ DOMÍNGUEZ, Fabián. **El caso Rodolfo Walsh**: un clandestino. El periodismo argentino y su aporte a la identidad nacional, capítulo II, 1999.

1970, começa a fazer parte da militância de organizações que lutam contra a ditadura e a favor da volta de Perón.

Mesmo adotando a ideologia peronista, Walsh continua sendo crítico, observando a distância que Perón, e depois os *montoneros*, tomam de seus princípios de formação. Morre em 1977 cansado de injustiças, de um golpe de Estado atrás do outro, de uma Argentina elitista e oligárquica, que não se importa em enxergar mortes, sequestros e desaparecimentos. Começou escrevendo sobre uma investigação de um crime que achava injusto, mas sem querer se envolver com política, e acabou escrevendo uma carta direta para o governo, registrando tudo o que estava engasgado na garganta de um militante que espera que os militares reconheçam seus erros.

Operação Massacre é feita com base em testemunhas e Walsh formula diálogos como se fosse um narrador onisciente, porque ele acredita em cada fala e, principalmente, confia na sua capacidade de julgamento da sua veracidade. Mas o ponto principal do livro é uma investigação que era para ser isolada, para punir os culpados, mas foi muito mais do que isso. Foi uma investigação política, que formou ideologias, que expôs um governo que não era libertador, que não estava preocupado com as minorias, nem para dizer que errou em não ajudar nas investigações.

A ditadura acabou, governos democráticos foram aparecendo e sendo depostos, presidentes foram prometendo condenar culpados de assassinatos durante esses golpes, mas aqueles fuzilados de junho de 1956 ainda não tiveram justiça, nem os tantos outros mortos e desaparecidos em todos os golpes. Aramburu foi condenado pelos guerrilheiros *montoneros*, não pela sociedade, que fechava os olhos para esses pequenos incômodos. A história nunca se repete, mas a força de uma cultura política autoritária e antidemocrática pode trazer de volta velhos regimes opressores. Desde a “Revolução Libertadora” a Argentina ainda sofreu mais três golpes de Estado, por esse motivo é muito importante divulgar as mortes e desaparecimentos que os governos não conseguem explicar.

O livro inspira o leitor a querer entender a história de vida do investigador. E isso é fundamental para entender como o livro é escrito e como as novas edições com o acréscimo de algumas páginas explicativas mudam todo o sentido dele. Em 1957, um escritor preocupado com a “verdade” de um crime isolado, em 1969 um crítico político prestes a entrar para a militância.

Considerações finais

A pesquisa desse tema teve grande impacto na minha trajetória acadêmica, motivou-me a estudar além do tema. Recolhi toda a bibliografia que consegui encontrar no Brasil e que achei que correspondia com *Operação Massacre* e Rodolfo Walsh, mas muitas vezes senti que elas ainda não alcançavam todas as minhas questões. E ainda ficaram algumas problematizações que eu gostaria de ter abordado, mas que já saíam da proposta desse tema. É muito interessante quando se termina uma pesquisa pensando que não está finalizada, porque isso instiga a voltar a ela em outro momento futuro, com outras formulações e questões. A trajetória política de Walsh, pouco abordada na monografia, me abriu uma janela para um projeto de mestrado.

Ao longo da pesquisa, lendo a bibliografia, surgiram questionamentos que antes eu pensava ser irrelevante no trabalho, mas se mostraram essenciais. O que foi a política peronista? Ela era de esquerda? Por que os socialistas queriam depor Perón? Por que ele mudou sua política quando voltou do exílio em 1973? Por que era chamado de fascista? Essas dúvidas poderão ser esclarecidas no futuro. Também pretendo investigar mais sobre a trajetória política de Walsh em meio ao peronismo e aos golpes de Estado que presenciou. Ele, apesar de ter participado da militância peronista, era muito crítico a ela e a Perón.

Esse trabalho permitiu discutir o livro *Operação Massacre* em um contexto histórico de ditadura civil-militar que depôs o presidente Juan Perón. Também abordou a vida do escritor da obra, Rodolfo Walsh, que tem uma história muito instigante e curiosa, que me influenciou a pensar além desse tema. Permitiu o reconhecimento da relevância dos movimentos sociais peronistas para uma resistência. A Argentina sofreu muitos golpes de Estado ao longo dos anos e ergueu muitos grupos de resistência, que foram importantes para acolher as minorias e lutar pelas injustiças. O caso do fuzilamento de José León Suárez foi apenas um evento entre muitos, mas que mostra claramente a negligência de uma sociedade que colabora com um golpe e não faz questão alguma de amparar as vítimas e cooperar com a justiça. Que a ânsia de lutar permaneça viva enquanto houver injustiças.

Referências bibliográficas

ADOUE, S. B. **Rodolfo Walsh, o criptógrafo**. Relações entre escrita e ação política na obra de Rodolfo Walsh. 2008. Tese (Doutorado em Letras). Departamento de letras modernas, Universidade de São Paulo, 2008.

ADOUE, Silvia Beatriz. **Walsh - El criptógrafo**. Buenos Aires: Dialektk Editora, El Colectivo, 2011. Resenha de: FIRMIANO, Frederico Daia. **Operação Walsh**. Revista Espaço Acadêmico, nº 134, p. 177-180, 2012.

ARAÚJO, Luís C. Eblak de. Jornalismo Investigativo: dos muckrakers aos anos pós-Watergate. In: **III Encontro nacional de pesquisadores em jornalismo**, 2005, Florianópolis – SC.

AZEVEDO, Ronald Raminelli. **História das Américas: novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CAPARELLI, Sérgio. **Reportagem a descoberto**. R. Bibliotecon. & Comun., Porto Alegre, 4:53 - 65 jan./dez., 1989

CAPELATO, Maria Helena R. **Multidões em cena**. Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas, SP: Papirus, 1998.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CORREIA, Eduardo Luiz. O jornalismo investigativo sob a ótica do conto policial. **12º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Santa Cruz do Sul, UNISC, Novembro/2014.

CZARNOBAI, André F. P. Gonzo. **O filho bastardo do new journalism**. Porto Alegre, mar/2003.

DOMÍNGUEZ, Fabián. **El caso Rodolfo Walsh: un clandestino**. El periodismo argentino y su aporte a la identidad nacional, 1999.

EL HISTORIADOR. Montoneros: El llanto para el enemigo. Disponível em: <http://www.elhistoriador.com.ar/articulos/los_70/montoneros.php>. Acesso em: 22 de maio de 2016.

FERNÁNDEZ, Joaquín. **Rodolfo Walsh**. Entre el combate y el verbo. Buenos Aires: Lea, 2005.

FINO, Claudia. Análisis de "Carta abierta de un escritor a la Junta Militar" de Rodolfo Walsh. In: **Oficios Terrestres**. 2002.

FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.

FRANÇA, Inácio. **Operação Massacre**. Disponível em: <<http://www.caotico.com.br/operacao-massacre-agora-a-opinio-do-editor/>>. Acesso em: 6 de novembro de 2015.

GALASSO, Norberto. La Revolución Libertadora. In: **Cuadernos para la otra historia**. Centro Cultural "Enrique S. Discépolo", Buenos Aires, p. 1-28.

GAY, Peter. **Represálias Selvagens**: Realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GAZZERA, Miguel. **Peronismo**: autocritica y perspectivas. Editorial Descartes, Buenos Aires, 1970, p.64.

GONÇALVEZ, D.L; GONÇALVES, K.F. Propaganda do regime Peronista: O uso dos meios de comunicação para a divulgação do governo de Juan Domingo Perón (1946-1955). **Revista de artes e humanidades**, n.5, nov-abr 2010, UFABC.

LA NACIÓN. Reparación a familiares de los fusilados de 1956. Buenos Aires, 24/mar/1999. Disponível em: <<http://lanacion.com.ar/132361-reparacion-a-familiares-de-los-fusilados-en-1956>>. Acesso em: 13 de junho de 2016.

LEITE, José Corrêa. Reforma e revolução na América Latina. **Revista Lutas Sociais**, PUCSP, vol.6, n.1, pp. 175-186, 1999.

LÖWY, Michael. **O marxismo na América Latina**: uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

LUNA, Félix. **Fracturas y continuidades en la Historia Argentina**. Editorial Sudamericana, 1992.

MALLOY, Letícia. Narrativas do trauma e da memória: reflexões sobre "Carta a Vicki" e "Carta a meus amigos", de Rodolfo Walsh. In: **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**: Dossiê Imagem e memória, jan/2012.

NEIBURG, Federico. **Os Intelectuais e a Invenção do Peronismo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

NOTAS: periodismo popular. OPERACIÓN masacre: los fusilamientos de junio de 1956. Buenos Aires, jun/2014. Disponível em: <<http://notas.org.ar/2014/06/09/operacion-masacre-los-fusilamientos-de-junio-de-1956>>. Acesso em: 12 de setembro de 2015.

PIGLIA, Ricardo. Dos observaciones sobre Rodolfo Walsh. **La Nación**, Buenos Aires, jun/2013. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1589001-dos-observaciones-sobre-rodolfo-walsh>>. Acesso em: 12 de setembro de 2015.

PIGNA, Felipe. ¿Ni vencedores ni vencidos? Disponível em: <<http://edant.clarin.com/suplementos/zona/2007/09/16/z-03601.htm>>. Acesso em: 30 de maio de 2015.

REICHEL, Heloisa Jochims. Sob os olhos da águia: imagens da Argentina peronista na imprensa brasileira dos primeiros anos da Guerra Fria (1946-1955). **Revista Eletrônica da Anphlac**, n.7, pp. 57-82, 2008.

EL HISTORIADOR. Revolución libertadora (1955-1958). Buenos Aires. Disponível em: <http://www.elhistoriador.com.ar/articulos/articulos.php#_ftn13>. Acesso em 30 de maio de 2015.

SÁNCHEZ, Ana María Amar. La ficción del testimonio. **Revista iberoamericana**, v. 56, n. 151, p. 447-461, 1990.

SEOANE, María. **Ultimos secretos de los fusilamientos de 1956**. Disponível em: <<http://edant.clarin.com/suplementos/zona/2006/06/04/z-01208312.htm>>. Acesso em: 30 de maio de 2015.

SILVA, Antonio Ozai da. O marxismo na América Latina: rupturas, continuidades e crítica ao eurocentrismo. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 70, 2007.

SOMMER, Doris. **Ficções de Fundação**: Os romances nacionais da América Latina. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SOUZA JÚNIOR, L. R. Em busca da literatura nos fatos corriqueiros do dia-a-dia: Uma visão da crônica como jornalismo literário. **III Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil**, 2012, Porto Alegre. Anais do III Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil, 2012.

SPINELLI, María Estela. El debate sobre el orden político durante los primeros gobiernos antiperonistas, 1955-1958. **Anuario IEHS: Instituto de Estudios histórico sociales**, n. 16, p. 13-37, 2001.

_____. **El proyecto desarrollista como intento de superación del conflicto peronismo-antiperonismo (1955-1958)**: crecimiento y endeudamiento in *Revista de Historia*. Disponível em:
<<http://historiapolitica.com/datos/biblioteca/Spinelli2.pdf>>. Acesso em: 30 de maio de 2015.

_____. La desperonización. Una estrategia política de amplio alcance (1955-1958). **Revista de Historia**. Disponível em:
<<http://historiapolitica.com/datos/biblioteca/Spinelli1.pdf>>. Acesso em 30 de maio de 2015.

_____. **Los vencedores vencidos**: El antiperonismo y la "revolución libertadora". Editorial Biblos, 2005.

VIEIRA, M. *et. al.* **A pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 3ª ed., 1995.

WALSH, Rodolfo. **Carta a Vicky**. Disponível em:
<<http://www.rodolfowalsh.org/spip.php?article59>>. Acesso em: 29 de maio de 2016.

_____. **Operação Massacre**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Filme consultado:

REVOLUCIÓN Libertadora y resistencia peronista. Direção: Gonzalo T. Sierra. Documentário. Argentina. (29 min), son., color. Disponível em:

<<http://tal.tv/video/revolucion-libertadora-y-resistencia-peronista/>>. Acesso em: 30 de maio de 2015.